

CORACÃO DE BOTO

Iris de Moura



LABCMA

Coração de boto

Iris de Moura

LABCMA
São Paulo
2025

© 2025 - Laboratório de Biologia da Conservação de Mamíferos Aquáticos

Todos os direitos reservados. Este livro não poderá ser reproduzido, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios sem permissão expressa por escrito pelo autor. Por ser um livro gratuito, sua venda é terminantemente proibida. Estimula-se o compartilhamento ao maior número possível de recipientes. Em caso de uso educativo e sem fins comerciais, os devidos créditos são solicitados à autora do texto e à autora das ilustrações compartilhadas neste livro.

Texto

Iris de Moura

Ilustrações

Sabrina Raphaela Silva Santos

Diagramação

#entremarés 

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moura, Iris de
Coração de boto [livro eletrônico] / [texto]
Iris de Moura ; [organização Marcos César de Oliveira Santos ; ilustrações Sabrina Raphaela Silva] Santos. -- São Paulo : Ed. da Autora, 2025.
PDF

ISBN 978-65-01-43977-8

1. Boto-cinza 2. Golfinhos - Hábitos e comportamento 3. Golfinhos - Literatura infantojuvenil 4. Mamíferos aquáticos - Conservação I. Santos, Marcos César de Oliveira. II. Santos, Sabrina Raphaela Silva. III. Título.

25-267789 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Golfinhos : Literatura infantil 028.5
2. Golfinhos : Literatura infantojuvenil 028.5

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Este livro é mais um produto de extensão cultural do Laboratório de Biologia da Conservação de Mamíferos Aquáticos, do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. É uma produção independente que atende aos anseios da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021 – 2030), declarada pela Organização das Nações Unidas, cujas perspectivas visam a mobilização de recursos e inovação tecnológica em ciência oceânica para entregar à sociedade um oceano limpo, saudável e resiliente, previsível, seguro, produtivo e explorado sustentavelmente, e com acesso aberto aos dados, informações e tecnologias.

Sobre o livro

Este livro de ficção foi escrito como atividade avaliativa da disciplina “IOB0164 – Biologia da Conservação do Boto-Cinza”, ministrada no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo pelo professor Marcos César de Oliveira Santos no 1º semestre de 2024. Após uma revisão junto ao professor Marcos e diagramação feita por Leandro Coelho, *Coração de Boto* também é uma obra de divulgação científica publicada com apoio do Laboratório de Biologia da Conservação de Mamíferos Aquáticos (LABCMA) do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo.

Nesta narrativa, você encontrará um protagonista afogado nas próprias mágoas, convencido de que perdeu todas as chances de ser feliz e de que seus sonhos são impossíveis. Você também encontrará um pouco de músicas emo, um pouco de brigas familiares e muitos passeios pelo estuário de Cananéia, localizado no extremo Sul do litoral de São Paulo. Apesar de não ser uma sequência de *Maria Toninha*, o livro que publiquei no início do ano, *Coração de Boto* é uma aventura que partilha do mesmo universo, embora explore contextos e finais diferentes para a presença da magia no mundo fictício que tenho criado.

Junto ao protagonista de *Coração de Boto*, você poderá compreender melhor quem é o boto-cinza, um golfinho que vive no litoral brasileiro e, apesar de podermos imaginar o contrário, tem muitas interconexões com os seres humanos — sendo, como outros organismos que vivem na Terra, afetado pela forma como a temos explorado. Ao longo da narrativa, espero que você possa também se maravilhar pela existência destes animais, compreendendo como são essenciais para os ecossistemas em que vivem.

A obra foi escrita com a intenção de ser lida por qualquer pessoa curiosa pelo assunto, mas também pode se adequar em sequências didáticas do Ensino Médio. Considerando a Base Nacional Comum Curricular (2018), *Coração de Boto* poderia ser usado nos seguintes cenários:

- Competência Específica 1: Habilidade EM13CNT105
- Competência Específica 2: Habilidades EM13CNT202, EM13CNT203 e EM13CNT206
- Competência Específica 3: Habilidade EM13CNT303

Entre referências ao movimento emo e um protagonista um pouco melodramático demais, espero que você consiga se afeiçoar pela forma como coisas incríveis podem acontecer e, nesta obra, acontecem de verdade.

Sobre as autoras

Criar sempre fez parte de mim. Pequenas estórias são parte da minha rotina há mais tempo do que consigo me lembrar e, por muito tempo, minha grande e única vontade foi ser escritora. Porém, quando entendi que esse seria um caminho difícil e precisava escolher alguma profissão mais “pé no chão”, a Biologia começou a me interessar cada vez mais por ser uma forma de explorar o mundo que transcendia a minha imaginação. Entender o mecanismo curioso da reprodução das angiospermas, os tipos de vírus... Era um desafio, uma fonte inesgotável de mistérios. A Biologia pareceu um prato cheio para a minha imaginação e, depois, se transformou em uma forma de tentar contribuir na sociedade através daquilo que posso aprender e transmitir, para além das estórias que posso criar.



Hoje, construo uma caminhada em busca de me tornar professora e divulgadora científica, acompanhada sempre pela fantasia e pela criação, que fazem primordialmente parte de quem eu sou. Minha maior intenção na ciência é mostrar como os seres vivos estão conectados e dependem uns dos outros, propagando assim a importância da conservação da biodiversidade. A partir desses estímulos, nasceu essa estória. Eu não imaginava que conseguiria unir ficção e ciência, mas aqui estou: tentando balancear as duas forças que me movem.

Iris de Moura



Eu descobri que gostava de desenhar antes de descobrir que gostava de Biologia, mas um dia fiquei sabendo que gostava dos dois. Desenhar é por hobby, pra comunicar como eu vejo algumas das coisas do mundo e também pra saciar uma parte que só gosta de riscar e ver algo surgir disso. A Biologia é por um certo fascínio pelos seres vivos e a infinidade que há neles e ao seu redor. A conversa entre esses dois eixos, pra mim, é juntar o útil ao agradável, e é também por causa disso que gosto de pensar que tanto a Biologia quanto desenhar se enquadram como úteis e agradáveis.

Sabrina Raphaela Silva Santos

Sumário

Capítulo 1: Me acorde quando novembro acabar	7
Capítulo 2: Tudo que eu queria	25
Capítulo 3: É isso que você ganha	43
Capítulo 4: Só rezo pra ficar bem	57
Capítulo 5: Admirável mundo novo	69
Epílogo: Te levo comigo	85
Agradecimentos	97



Mapa do estuário de Lagamar

Capítulo 1 **Me Acorde Quando Novembro Acabar**



Me acorde quando novembro acabar

Alguns dias pareciam, para Reginaldo, ter talento para serem iguais uns aos outros. Era nisso que ele pensava, com a cabeça baixa, enquanto andava pelo mesmo caminho de sempre para a sua casa.

A rotina que ele vivia já tinha mais de quinze anos de idade. O mesmo ar salgado e o mesmo cheiro de peixe estavam no ar. A rua era a mesma que ele percorreu com seus chinelos desde pequeno e, depois, com seu coturno favorito quando adulto. No entanto, aquele era um belo dia para ser capturado por pensamentos sobre como tudo poderia ter sido — e, por isso, estar muito nostálgico a cada passo.

A porta rangeu enquanto ele entrou, e Reginaldo quase conseguiu ver o fedor de peixe se dissipar dele na casa que, antes, tinha sido cuidadosamente limpa com o desinfetante de pinho adorado de sua mãe, Dona Rosa. Ela o recebeu da bancada da cozinha com um sorriso:

— Filho, que bom que você chegou antes da chuva!

Reginaldo deu um sorrisinho para a mãe conforme tirava seus coturnos para entrar. Era engraçado como ela não parecia mudar de aparência com o passar dos anos: o mesmo enorme cabelo castanho ondulado (que Reginaldo ajudava a tingir de preto), o mesmo nariz pontudo e os mesmos olhos castanhos escuros. A diferença, todos os dias, eram as várias bijuterias que Dona Rosa usava, combinando com os tons das roupas escolhidas. Hoje, o dia era laranja.

Reginaldo também já esperava, todas as vezes, a mesma pergunta vinda dela:

— Quantos foram hoje? — Dona Rosa perguntou.

— contei uns quinze — Reginaldo respondeu, exalando conforme falava. — Parece que tem cada vez menos...

Qualquer um que ouvisse a conversa dos dois poderia imaginar, conhecendo o fato de que Reginaldo era um pescador, que ele estava falando sobre os peixes pescados no dia — como, por exemplo, o parati, típico do verão em Cananeia. Mas aquele era um jogo muito mais antigo, que pertencia especialmente à família deles.

Desde que Reginaldo conseguia se lembrar, ele, seu irmão e sua mãe iam para a Praia do Pereirinha pelo menos duas vezes por mês. A mãe deles não era exatamente uma fã da praia, mas adorava ver como os filhos ficavam contentes em contato com um pouquinho de água e areia. Nas tardes juntas passadas ali, eles tinham criado uma tradição: cada um dos membros da família fazia pequenas apostas sobre quantos botos eles estavam vendo:

— São três! — Dona Rosa começava.

— Você tá errado. São cinco! — Reginaldo apostava, logo depois.

— Eu acho que é só um, muito animado! — Pedro, irmão de Reginaldo, gritava em seguida.

E os três ficavam a tarde inteira divagando sobre quantos botos estavam vendo. Conforme as horas passavam, eles acabavam chegando em um consenso. Mas a parte favorita de Reginaldo sempre foi não saber exatamente quantos botos estava vendo, mesmo que isso fosse algo que ele tentava treinar seu olho cada vez melhor para descobrir. A parte mais divertida eram as apostas malucas ao lado das duas pessoas que ele mais amava, mesmo que eles nunca pudessem saber a verdade.

Agora, já adulto, ele tinha algumas técnicas para entender quantos botos diferentes via ao longo do dia. Era importante pensar que eles vão para a superfície apenas para respirar e, depois de um certo tempo, voltam de novo. Também ajuda reparar nas marcas que alguns têm na nadadeira dorsal, que torna fácil reconhecê-los (embora poucos membros de cada população tenham essas marcas). Entretanto, nos dias de hoje, essa se tornou uma atividade solitária, que Reginaldo fazia em silêncio em um barco barulhento, enquanto deveria estar pescando. Ele não podia dizer que a tradição tinha a mesma graça de antes neste cenário.

Especialmente, se alguém o perguntasse, Reginaldo diria que sua percepção naquele dia não estava muito acurada. Era novembro, e novembro era um mês péssimo para ele fazer qualquer coisa.

— Bom, talvez eles só estejam tímidos... — Dona Rosa tentou suavizar, sem sucesso, a expressão triste que viu se formar no rosto do filho. — E com os peixes, como foi?

— Tudo bem... — Reginaldo respondeu. O que era mentira; era muito difícil pescar em um dia como aquele. A mente de Reginaldo tinha feito ele errar várias vezes coisas básicas. Mas essa era a resposta dele para quase tudo nos últimos anos: “tudo bem”.

— Que bom, filho — Dona Rosa ficou um pouco sem saber o que dizer, então tentou mudar de assunto: — Ah, antes que eu esqueça: encontrei com o Seu Alberto mais cedo. Ele disse que pode fazer uma promoção na voadeira antiga dele para você. Especial, só porque é para você, ele disse!

Essa era uma conversa que tinha acontecido tantas vezes que poder-se-ia dizer que já estava ensaiada. Em todas as ocasiões, Reginaldo precisava encarar o fato de que não havia dentro dele nada que chegasse perto de ser uma intenção de comprar um barco, embora esse assunto continuasse sendo trazido à tona.

— Ah... Diz pra ele que eu estou bem trabalhando com o Seu João. — Reginaldo respondeu enquanto se dirigia direto para o chuveiro, fugindo da discussão.

Ele sabia muito bem por onde a conversa iria. Para um pescador da idade de Reginaldo, que já tinha assistido alguns eventos históricos (como a ascensão e a queda do movimento emo), era natural estar juntando economias para comprar o próprio barco. Para todos os lugares que ele ia, tinha alguém querendo vender um barco para ele:

— Olha, filho, achei hoje esse anúncio de voadeiras... — Sua mãe aparecia na porta de seu quarto.

— Te vendo essa pela metade do preço! Você só vai ter que trocar a madeira, pintar, refazer a impermeabilização, e... — Algum homem qualquer no centro da cidade o chamava.

— Olha que linda! Chamo ela de Felícia, é a minha adorada... — Algum amigo antigo da família argumentava.

Ele sempre dizia que “talvez na próxima”, e teve aquela vez em que ficou muito coagido pela ideia de ter um barco que era preto e vermelho — mas só porque conseguia imaginar sua banda dentro dele num clipe.

Eram muitos pontos nessa discussão, que ele ponderava pouco a pouco enquanto as gotas d’água caíam do chuveiro. A única vez em que ele cogitou comprar um barco foi enquanto pensava em uma banda que não tinha mais. Há treze anos, Reginaldo disse não para o seu melhor amigo quando ele e toda a banda Coração de Boto se mudaram de Cananeia para São Paulo, com as chaves de uma caminhonete vermelha e um sonho. Ele disse sim, entretanto, desde os catorze anos, para o convite gentil de Seu João para ele trabalhar ajudando no barco de pesca centenário da família deste.

Havia muitas famílias de pescadores em Cananeia, mas a de Reginaldo não era uma delas. Ele mesmo nunca tinha imaginado se tornar um pescador. Antes da banda, na verdade, ele tinha planos bem distintos para o seu futuro.

Uma das memórias mais antigas de Reginaldo era de um pôr do sol em que ele estava conversando com sua mãe sobre o futuro. Reginaldo tinha uns sete anos e foi confrontado pela grande pergunta:

— O que você quer ser quando crescer?

O menino sorriu, abraçou a si mesmo e olhou de forma romântica para o mar e para o sol se despedindo. E, aí, ele disse algo que arrancou a gargalhada mais sincera de sua mãe:

— Um boto!

Esse foi um longo episódio da vida de Reginaldo. Ele, por anos, quis virar um boto, logo depois que conheceu a história do boto-cor-de-rosa.

— Reginaldo, como eu posso te dizer isso... — Fernanda, a adorada professora de Reginaldo nos primeiros anos do fundamental, procurava as palavras certas. — Você... Não pode... Virar um boto.

Reginaldo, é claro, não aceitou aquilo, e tentou barganhar:

— Mas a senhora contou a história do boto-cor-de-rosa na semana passada, ué. Eu não quero virar um boto rosa. Me contento com esses meio cinza daqui!

— Mas, bem, as pessoas não se transformam em animais, e... — Ela continuou tentando, e Reginaldo a interrompeu, falando com ainda mais vigor:

— Como não? A gente não sabe! E se a lenda for verdade?

Demorou para que os adultos conseguissem podar um pouco a imaginação do menino. Porém, depois de ouvir que algo é impossível inúmeras vezes, fica difícil não acreditar. Com o tempo, ele aceitou que sua fantasia não aconteceria, se contentando com dedicar horas de seus dias para estudar os cetáceos e observar os adorados botos de longe. Mas foi embora a crença de que ele poderia se tornar um deles.

Reginaldo, agora, estava secando o cabelo na frente do espelho, e observou o adesivo do símbolo de sua antiga banda grudado no vidro. Dois botos se encontravam, formando um coração, e havia uma chama acesa entre eles, colorida em tons de laranja. Ele sorriu sozinho; aquele era um ritual diário, em que ele se lembrava que a sua vida já tinha sido mágica pelo menos duas vezes: enquanto, honestamente, ele quis virar um boto, e enquanto ele fez parte da Coração de Boto.

Ele quase conseguia ver tudo acontecendo, como num filme da Sessão da Tarde. Quando ele, em uma tarde de muito tédio adolescente, colocou na MTV, e depois disso não conseguiu tirar a melodia de “*I Write Sins Not Tragedies*” da cabeça. Era só o começo do que se tornou uma febre: houve todo o dinheiro gasto em lan houses para passar horas vendo clipes e lendo blogs sobre suas bandas queridas, mesmo antes que ele quisesse fazer daquilo a sua vida.

Criar músicas também se tornou um hábito para Reginaldo, embebido neste novo universo. Ele tinha orgulho de dizer que era emo e escrever suas próprias canções carregadas de sentimentos que ele jamais diria em voz alta, se não fosse cantando. As melodias eram compostas na guitarra que ele ganhou em seu aniversário de quinze anos, que ainda era uma das coisas mais preciosas que Reginaldo tinha.

— Eu sinto que ele fala através da guitarra, sabe — Dona Rosa disse para seu outro filho, Pedro, em um dia em que Reginaldo tocava em seu quarto e ambos ouviam da sala. — E das músicas que ele escreve, também...

— Deve ser porque ele nunca fala o que ele sente, aí fica criando coisas — Pedro disse do jeito menos sutil possível, como ele costumava dizer todas as coisas. Ouvir isso apertou o coração da mãe deles, que adorava ouvir os acordes de guitarra, mas estava constantemente aflita sobre os silêncios de Reginaldo.

De fato, se o perguntassem, Reginaldo concordaria com como a música era a sua forma mais sincera de se comunicar. Havia muitas coisas que ele jamais encontraria as palavras para dizer, se não fosse em melodia. Então, aquelas canções sentimentais e bandas marcadas por tons de vermelho e preto marcaram a sua vida, incluindo seu vocabulário, sua rotina e até mesmo seu vestuário.

— Essa banda é sensacional! — Um menino gritou para ele no corredor da escola, no dia em que Reginaldo estreou sua amada camiseta do Panic! at The Disco.

Esse menino era Erick, com seu cabelo vermelho-sangue e baquetas de bateria que pareciam ser uma extensão do próprio corpo. E aquele se tornou um longo diálogo sobre todas as bandas emo que eles tinham em comum, que se tornou uma viagem escondida para São Paulo para um show do CPM22, que se tornou o Erick dizendo:

— Eu ouvi você cantar no show. Você canta bem, mesmo quando tá gritando. E se a gente fizer uma banda?

No começo, ele disse que sim só porque tinha sido Erick quem pediu, pois era surreal para Reginaldo sequer a ideia de ser um vocalista. Mas, com o tempo, aquele se tornou o sonho de Reginaldo. E, então, ele era o vocalista e guitarrista de ritmo do grupo de desajustados que um dia se tornou a Coração de Boto. Erick tocava bateria, enquanto Júlio, primo de Erick, tocava baixo, e Henrique, colega de todos eles, tocava a guitarra de solo. O nome da banda, é claro, tinha sido sugestão de Reginaldo:

— Coração de Boto? — Henrique perguntou com seu ar impetuoso de sempre.

— É uma homenagem para os botos daqui — Reginaldo disse de forma destemida.

Os três outros meninos olhavam para Reginaldo com caras insatisfeitas, como se ele fosse uma criatura com mais do que um par de braços e de pernas.

— Vocês por acaso têm uma ideia melhor? — Reginaldo perguntou, já um pouco irritado.

— Não. Vamos ter que ficar com esse nome de nerd, então. — Júlio concedeu, e os outros meninos concordaram. Reginaldo adorava ser um “nerd”, então não se importou em nada com esse comentário.

O adesivo grudado no espelho lembrava Reginaldo de quando todos os meninos começaram a acreditar que a banda realmente podia dar certo. Eles compuseram um álbum (que acabou não sendo lançado), tocaram em barzinhos nas cidades próximas, como Pariquera-Açu e Ilha Comprida, e ensaiaram, incansavelmente, sonhando com casas de show lotadas e turnês.

Reginaldo se olhou nos olhos, no espelho, ao chegar a esse ponto de suas memórias. Ele observou bem a si mesmo, se lembrando de como acreditou verdadeiramente na banda. De como aquele era seu sonho e de como, apesar de amar a sua cidade, ele queria viver essa aventura fora dela.

Ele também não podia negar que era e sempre tinha sido não só encantado pela banda, mas apaixonado por Erick — desde a primeira vez em que ele gritou Reginaldo no corredor da escola. No entanto, nada disso foi suficiente para fazer Reginaldo se mover quando teve a chance.

No dia 22 de novembro de 2009, Erick brigou com o pai. Ele tinha muitos problemas em casa, os quais Reginaldo conhecia bem. Um dos maiores problemas era o fato de o pai de Erick se recusar a aceitar que seu filho era gay. As brigas pela forma como Erick falava, se vestia e andava eram cada vez mais recorrentes, e não raramente terminavam com Erick na porta de Reginaldo em busca de consolo.

Erick sempre tinha sido muito mais decidido do que Reginaldo; o que, especialmente naquela tarde, o levou à porta dele, com um tom desesperado e corajoso que só Erick poderia ter:

— Eu preciso ir embora daqui! — Ele disse primeiro. — Vamos comigo, Regi? Daqui a gente busca os meninos, eu sei que eles vão topa!

— Mas, Erick, o que aconte...

— Eles já falaram várias vezes sobre sair da cidade! — Erick interrompeu Reginaldo com uma exclamação. — E sei que você quer também. A gente faz essa banda acontecer! A gente pode fazer qualquer coisa! Vamos pra São Paulo, agora! Vem comigo!

Lá estava Erick, todo empolgado ao redor de sua caminhonete vermelha que ele mesmo tinha consertado dias atrás. Ele andava em círculos ao redor de si mesmo, enquanto Reginaldo estava estático na sua frente, com um prato recém lavado e um pano que usava para secá-lo em mãos. Ele não sabia o que dizer, mas tentou argumentar:

— Erick, pode até ser um sonho, mas a gente não planejou nada... Como a gente faria isso? Pra onde a gente iria?

— Pra qualquer lugar! Podíamos passar uns dias na casa da minha madrinha, talvez.

— Você não falou com ela e quer só aparecer lá, com mais três caras, pedindo um teto? — Reginaldo cruzou os braços, segurando o prato e pousando o pano em seu ombro.

Erick suspirou, se movendo com nervosismo. Reginaldo se sentiu mal por todo o desespero que via nele.

— Regi, eu sei que você gosta de planos e de passos pequenos, e eu adoro você por isso — Erick deu um passo para frente, se aproximando de Reginaldo, e seus olhos brilharam. — Mas a gente pode dar esse passo grande juntos. E tem tudo pra dar certo! Se não der, você volta para os seus botos e pros seus peixes, mas pelo menos vai ter tentado.

— Erick...

Ele queria argumentar sobre como Erick estava contando com várias coisas incertas e se movendo com impulsividade.

Ele queria tentar ser racional, embora estivesse notando que Erick estava longe de onde todos os cuidados nos quais Reginaldo pensava podiam alcançá-lo.

— Vamos, Regi! A gente pode ser feliz lá! A gente pode ficar juntos! — Erick chacoalhou Reginaldo pelos ombros.

Reginaldo continuou estático. Ouvir essa frase de Erick exigiu muito autocontrole da parte de Reginaldo para não deixar o prato que ainda segurava em uma mão cair e quebrar.

Ele e Erick nunca tinham falado sobre o elefante entre eles, então era estranho finalmente ouvir aquilo sendo dito.

Eram muitos pensamentos na cabeça de Reginaldo. Sim, ele queria ir embora da cidade com Erick, ele queria fazer a banda acontecer, ele jurava que queria muito tudo isso. Mas, como, sem um plano? Como assim, do nada, com Erick na sua porta? Como ele faria isso? Ele tinha uma vida ali, e uma rotina, e não podia abandonar tudo, e...

— Não. Eu não posso. — Reginaldo quase não se ouviu dizer.

Erick não disse nada; ele apenas entrou na caminhonete, e então Reginaldo nunca mais o viu. Tudo que ele soube foi que os outros meninos da banda de fato tinham ido para São Paulo junto com Erick — e que estavam morrendo de raiva de Reginaldo, inclusive, por ele ter dito não para o sonho de todos eles.

No agora, Reginaldo suspirou profundamente, se deixando cair na cama. Ele nunca esqueceria a decepção que viu no rosto de Erick naquele dia. Essa decepção, desde então, passou a colorir todo o mês de novembro. Ele revivia a razão de sua tristeza a cada dia do mês, sem esquecer o que tinha perdido e para o que tinha dito não. Não que nos outros meses do ano essa tristeza ficasse menor — ela só era menos aguçada. E o fato de aquela ser a noite do dia 22 de novembro de 2022 só deixava tudo mais à flor da pele.

A sua mãe bateu na porta para avisar que o jantar estava quase pronto, e só faltava Reginaldo fazer a salada e colocar a mesa. Reginaldo olhou uma última vez para o adesivo adorador, antes de sair do quarto carregando todas as suas aflições.



Dona Rosa já tinha observado a casa inteira, sentada à antiga mesa de madeira deles. Ela tinha feito notas mentais sobre precisar retocar a pintura verde-musgo e encomendar novos quadros a seus colegas artesãos. Tudo isso para se distrair do silêncio de Reginaldo.

Da mesa, ela olhava para o filho preparando a salada, e queria perguntar o que estava acontecendo com ele. Ela tinha visto Reginaldo passar por todas as doze edições anteriores do mês de novembro, mantendo o ar melancólico. Apesar de ela ter certa noção dos motivos da tristeza de Reginaldo, ela sabia que era delicado falar sobre as mágoas do filho. Então, Dona Rosa tentou começar por uma pergunta simples:

— Aconteceu alguma coisa hoje?

Reginaldo pareceu submergir de seus pensamentos quando olhou para ela.

— Ah, vi poucos botos.

— Não tem nada além disso?

— Não. — Reginaldo respondeu sem olhar para ela.

Um longo silêncio os seguiu. Quando voltaram a falar, ambos já estavam na mesa comendo:

— Hoje vendi bastante coisa. — Dona Rosa quebrou o gelo. — Aquele bule com gaiotas que você amava, e também aquela escultura de toninha em madeira. E os seus colares estão ganhando como os mais vendidos do mês, de novo — ela sorriu. — As pessoas adoram os seus botos.

Dona Rosa tinha uma longa carreira como artesã, trabalhando desde que Reginaldo conseguia se lembrar em sua banca na Rua do Artesanato. Ela fazia de tudo: bijuterias, bordados, esculturas em madeira e até cerâmica. Tudo que ela fazia, na opinião de Reginaldo, era lindo.

Os colares que Reginaldo criava eram um sucesso à parte. Eram sempre com botos esculpidos em linha, miçangas e, às vezes, de madeira, com cores diversas — mas que tendiam a tons escuros, como o guarda-roupas de Reginaldo e todas as coisas que ele gostava de ter.

Ele deu um sorrisinho para a mãe, contente por ela ter dito aquilo, e contente por conseguir fazer algo que as pessoas gostam assim. Isso não evitou que sua resposta tivesse um ar melancólico:

— Eu as entendo. Eu mesmo já quis virar um boto. Na verdade, ainda parece uma boa ideia.



Dona Rosa baixou os olhos, permanecendo em silêncio. Ela não conseguiu conter a preocupação, e então se viu dizendo:

— Às vezes eu acho que você fala sério quando diz essas coisas.

Reginaldo deu mais um sorrisinho, debochando de si mesmo. Depois, sua expressão ficou triste de novo, e ele deu um suspiro profundo. Ele estava triste demais para conseguir esconder qualquer coisa; então, sua mãe viu tudo, e não pode evitar dizer:

— Filho... Eu sempre te deixei quieto do jeito que você gosta de ficar, mas me deixa maluca ver você triste assim há tanto tempo. Você precisa me falar sobre o que está acontecendo.

— Mãe...

— Vai te ajudar a colocar isso para fora, sabe — ela continuou. — Já que você não faz mais músicas há um tempo.

Na verdade, ele ainda escrevia músicas. Mas isso era um segredo.

Reginaldo olhou bem para a sua mãe — e, naquele momento, ficou sem nenhuma defesa.

Então, pela primeira vez desde o dia em que Erick e a banda partiram, ele se permitiu falar sobre o assunto:

— Eu só não consigo deixar de lamentar sobre ter dito não para o Erick quando ele me chamou pra ir embora. E me lamento pela banda, pelo que poderia ter sido, por tudo...

— Mas, filho, isso foi há treze anos. Já faz muito tempo. — Dona Rosa respondeu.

Reginaldo já esperava um pouco por essa resposta. Realmente, era muito tempo, e ele se sentia ainda mais bobo por isso. Por que ele não conseguia enterrar essa história?

— Não é tanto tempo assim — Reginaldo deu de ombros, tentando consolar a si mesmo, e sentiu uma dor nas costas que não sentia quando tinha dezoito anos, como se o seu próprio corpo discordasse dele. — Não se você sente que passou treze anos congelado no tempo.

— Mas você não passou treze anos congelado no tempo! — Ela exclamou.

— Claro que passei! — Reginaldo se exaltou, pousando o garfo e a faca com ruído no prato. — Mãe, o que eu fiz nesse tempo?

— Você continuou a vida. — Dona Rosa tentou elaborar: — Continuou pescando, continuou me ajudando aqui... O Seu João diz que você se dá bem lá...

— Eu sou péssimo. — Era um alívio para ele falar em voz alta o que sempre pensou. — Ele me atura porque eu sou legal com ele.

Dona Rosa perdeu as palavras. Mas também era um alívio para ela ouvir o filho sendo honesto consigo mesmo.

— Você parece mesmo ter passado um bom tempo se sentindo triste por si mesmo nesses últimos anos. E eu sinto muito mesmo, filho, por tudo que você perdeu lá atrás. — Ela apertou a mão do filho, que se manteve estático, olhando para a comida no prato.

Reginaldo fechou os olhos. Ele já conseguia sentir as lágrimas vindo, porque havia uma parte dele que só conseguia ser honesta de verdade com a sua mãe, e essa parte tinha gosto por se manifestar em mesas de jantar, com sentimentos à flor da pele se misturando aos restos de comida. Ele quase sentia novamente o desespero de quando, em uma configuração parecida com aquela, contou para a sua mãe que era gay. Um sentimento de que a sua vida mudaria depois que ele dissesse algo.

— Eu só não sei se aguento mais isso... — Reginaldo falou, secando as lágrimas.

— O que você quer fazer? — Ela perguntou, genuinamente curiosa.

Reginaldo não tinha ideia. Ele quis, então, fazer uma gracinha para suavizar o clima:

— Quero virar um boto, pra não ter que lidar com ser um humano.

Dona Rosa gargalhou, porque o humor do filho se manifestava em momentos estranhos assim.

— Bom, de uma coisa eu sei: você vai ter que tomar as rédeas da sua vida. E, dessa vez, não vai ter Erick pra te chamar pra ir embora. Você vai ter que se levar embora. — Ela disse, e Reginaldo olhou bem para a sua mãe, aquela entidade mística que parecia saber de tudo.

— Eu devia ter ido com ele — Reginaldo suspirou.

— E por que você não foi, no fim das contas? — Dona Rosa fez a pergunta que sempre quis fazer, embora nunca tivesse sentido abertura para tal.

No domingo em que Erick veio chamar Reginaldo para ir para São Paulo, ela estava lavando louça, enquanto Reginaldo secava. Ela viu o filho indo abrir a porta, ouviu apenas resquícios da conversa — principalmente as sentenças animadas de Erick — e, então, entendeu tudo que tinha acontecido quando seu filho voltou para o lado dela. Ela nunca tinha visto Reginaldo chorar tanto quanto naquele dia.

— Eu senti medo — Reginaldo admitiu para ela e para si. — Aqui sempre foi tudo tão... Confortável, familiar... Eu fiz planos grandes algumas vezes, mas nunca tive coragem para fazê-los acontecer. A banda era um deles. Amar o Erick, também.

Como era triste ouvir o filho dizer tudo aquilo. Por que ele era daquele jeito? Como ele pode se negar a ter tantas coisas que queria esse tempo todo?

— Eu sei que você gosta da cidade. Dessa casa, dos botos, de conhecer todos os caminhos... Mas isso não precisa ser suficiente, filho. Você precisa ir atrás das coisas grandes, se é elas que quer de verdade — Ela disse, e depois se levantou para abraçar o filho, que continuava choramingando.

Eles passaram algum tempo em silêncio e no abraço, antes que Reginaldo voltasse a falar:

— Não sei o que fazer agora. Parece que, agora que eu falei sobre isso, não dá pra continuar assim.

— E que bom, né, filho? — Dona Rosa disse, segurando a parte de trás da cadeira do filho. — Você merece mais do que ficar triste assim pelo passado. Você pode fazer qualquer coisa que quiser. Eu achei isso desde sempre, principalmente pela força com a qual você acreditava que poderia virar um boto.

Ela se lembrava até mesmo dos desenhos que Reginaldo fazia quando criança. Todos cheios de botos. A família retratada era sempre ela, Reginaldo, o irmão dele e alguns botos ao redor.

— Era divertido. — Reginaldo deu um de seus sorrisinhos.

— Eu sei que era. — Ela disse, e começou a recolher os pratos para levá-los à pia. — Mas, bem, é impossível.

Reginaldo permaneceu em silêncio, com todos os novos pensamentos na cabeça. Ele tinha que mudar a sua vida. Tinha que reorganizar tudo. Tinha que ser corajoso, embora não soubesse como.

— Amanhã eu vou dar um jeito em tudo. Vou resolver o que fazer daqui em diante. — Ele disse mais para si mesmo do que para a sua mãe.

De fato, uma onda de coragem tomou conta de Reginaldo. Ele estava corajoso enquanto lavou a louça e deu uma varrida na cozinha. Também estava corajoso quando pegou na sua guitarra depois de semanas e tocou algumas músicas não terminadas. Ele também estava corajoso quando tirou o seu momento diário para estudar sobre os cetáceos.

Mas ondas são ondas, que vêm e acabam. Gota por gota, a coragem naufragou dentre seus pensamentos quando estava com a cabeça no travesseiro, a partir do momento em que ele percebeu que não tinha a mínima ideia do que faria com a própria vida. E, na noite mal dormida, a coragem continuou morrendo — até que, de manhã, tudo que Reginaldo queria era fugir de ter que resolver a própria vida.



Quando Reginaldo acordou, não parecia que ele era aquela mesma pessoa que, na noite passada, realmente estava motivada a mudar a sua vida. Mas, mesmo assim, ele tentou manter o que tinha planejado. Ele era bastante sistemático com planejamentos. Nem que aquele fosse um dia perdido com crises existenciais e muito sol, ele passaria um tempo refletindo sobre a sua vida.

Ele pediu o dia de folga para Seu João, que não hesitou em dizer sim, porque Reginaldo mal tirava folgas. Então, lá estava Reginaldo, em uma voadeira emprestada de Seu João, frente ao sol que tinha acabado de nascer.

— Bom, eu já estive pior do que isso.

O que era verdade. Ele nunca tinha se sentido tão mal quanto nos dias depois de Erick e a banda irem embora. Talvez em uma outra ocasião, em que alguém em quem ele confiava o havia magoado profundamente. Mas, de alguma forma, a ida de Erick e da banda era pior, porque Reginaldo que tinha magoado a si mesmo.

Ele começou a pensar sobre os anos que tinham passado. Era fácil contá-los, pois, para cada ano, ele tinha uma tatuagem.

Seus braços e pernas eram adornados por vários animais diferentes: um trinta-réis na perna esquerda, um biguá no braço direito, uma gaiivota no mesmo braço... O antebraço esquerdo também era colorido por um desenho do primeiro bule de cerâmica que sua mãe fez. E, é claro, havia uma tatuagem de boto em suas costas, que era a sua favorita. Ele considerava as tatuagens suas partes mais vivas e falantes, pois tinha ativamente escolhido tê-las ali.

Quando estava na água, pensando sobre si mesmo, a mente de Reginaldo o levou de volta aos seus desejos de criança de virar um boto. Aquele menininho permanecia vivo nele, contra quaisquer possibilidades, e tinha se transformado no estudioso sobre cetáceos que Reginaldo hoje era. Ele já tinha lido tanto sobre cetáceos em todos os lugares da Internet, a ponto de aprender como tem gente que acredita e dissemina informações sobre eles que são no mínimo equivocadas. Ele se lembrava da surpresa que todas as pessoas ficavam ao ouvir sobre as orcas na voz de Reginaldo:

— Elas não são baleias, pra começo de conversa. Vocês não viram que elas têm dentes? Bom, os golfinhos também têm. Então, as orcas são parentes mais próximas dos golfinhos do que das baleias.

— Eu morro de medo de uma orca me engolir! — Vitor, um de seus colegas pescadores, confessou.

— Ah, mas pra isso você teria que fazer um monte de coisa errada, tipo: nadar perto dela, atormentar ela... — E continuou listando outros desastres causados pelas próprias pessoas que se envolviam em acidentes com orcas, enquanto Vitor o olhava boquiaberto.

Na escola, Reginaldo era um tipo de atração particular. Tinha informações na manga sobre qualquer cetáceo, articulando saberes científicos com o que ele observava todas as tardes que se dedicava a olhar para a água em busca dos botos.

Todos os trabalhos de Reginaldo ou eram sobre os botos-cinza, seu amor particular de Cananeia, ou sobre cetáceos no geral.

— Eu não sei pra onde esse menino vai — Uma professora de Reginaldo comentou, de canto, com outro professor. — Como pode alguém gostar tanto de um grupo de bichos assim?

— Ele não vai pra lugar nenhum, Mônica. Imagina! Aqui é o lugar perfeito pra ver os botos dele. Duvido que ele sairia daqui — O professor deu de ombros.

Reginaldo nunca ouviu isso, mas ele provavelmente concordaria. A todas as chances que surgiram para que ele vivesse sua vida de uma forma diferente — até mesmo de uma forma em que ele seria mais feliz —, ele disse não. Ele nunca seguiu um plano que surgiu, ao longo dos anos escolares, de continuar estudando os botos, se formando como biólogo. Da mesma forma que ele disse não para a ideia de ir embora com a banda, mesmo que tenha acreditado que eles poderiam fazer sucesso. E disse não para Erick, mesmo ouvindo-o falar sobre a possibilidade de irem embora e ficarem juntos, finalmente. Para o que ele poderia dizer sim, agora?

Reginaldo suspirou, tentando não se afundar nas suas mágoas. Ele tinha que pensar sobre o futuro — mas, antes disso, sorriu à lembrança de Erick. Ele se lembrou dele quase acabando com as cordas da guitarra de Reginaldo, porque Erick tocava a guitarra como se fosse uma bateria, e uma coisa não tem nada a ver com a outra. Ele se permitiu, então, se lembrar de tudo. E chegou a um diálogo que, vez ou outra, reaparecia em sua memória:

— Eu não sei sobre Deus, não sei o que existe além da gente — Erick falava, lutando contra um picolé de manga em fase de derretimento. — Mas eu conversei com Ela. Chamo Ela de Natureza.

— Isso não quer dizer absolutamente nada — cético, Reginaldo respondeu, apesar de achar em segredo a capacidade de acreditar de verdade em algo uma das coisas mais belas. Ele acreditava em Erick na época e, bem, isso era suficiente.

— Começa a falar com Ela em voz alta que você vai ver. Ela vai te ouvir. — Erick disse com a certeza de que ele dizia todas as coisas.

— E ela já ouviu você, por acaso? — Reginaldo perguntou.

— Sim. Eu pedi para Ela um vocalista incrível para uma banda incrível. E encontrei você. — Erick sorriu do jeito teatral que ele sorria. — E agora somos o Coração do Boto! — E ficou de pé enquanto disse isso. Reginaldo gargalhou, a única reação possível. Erick sempre tinha sido, na opinião dele, um espetáculo digno de teatro.

Então, no agora, Reginaldo mal pensou antes de se ouvir dizer:

— Oi, Natureza. A Senhora é amiga antiga do Erick, né?

Ninguém respondeu. Normalmente, ninguém responde mesmo.

— Eu queria pedir uma coisa. Duas, mas a segunda é mais impossível.

Nenhuma resposta, de novo. “*Talvez as duas sejam impossíveis*”, Reginaldo pensou.

— Eu queria virar um boto. — Ele se sentiu muito bobo dizendo aquilo, e se permitiu dar uma risadinha. — E tem outra coisa... — A frase permaneceu incompleta.

Erick já esteve errado sobre muitas coisas na vida — principalmente quando achou que tudo que Reginaldo diria para ele, naquele dia, diante da caminhonete, seria sim. Mas ele estava certo quando disse que a Natureza ouve. Ela é, inclusive, gentil o suficiente para atender a alguns pedidos. Mas, é claro, nunca sem um motivo genuíno por trás.

Nuvens densas se formaram em uma fração de segundo no céu, contra todas as possibilidades. Reginaldo tinha checado: faria sol o dia todo. Mas foram os trovões que raiaram, motivando ondas que, antes que ele pudesse perceber, viraram a voadeira de ponta cabeça, levando Reginaldo à água.

Tudo que eu queria

Reginaldo, agora, estava na água, lutando para processar o que tinham sido os últimos momentos.

Ele se moveu rápido para conseguir nadar e, estranhamente, notou que agora era mais fácil do que já tinha sido. O que era impossível, porque ele era um nadador muito melhor quando era adolescente. Foi então que ele começou a notar como o seu corpo não parecia mais seu corpo, e a forma como todas as coisas pareciam ao redor dele estava mudada.

Reginaldo tinha se transformado em um boto-cinza. Seus braços não eram mais braços, e sim nadadeiras peitorais.

Suas pernas tinham ido para sabe-se lá onde, e agora tudo que ele tinha era uma nadadeira caudal.

E havia mais: nas costas, no lugar de sua adorada tatuagem de boto, havia uma nadadeira dorsal. Era absurdo sentir no próprio corpo que, sim, seu pedido tinha sido atendido.

— Meu Bom Jesus de Iguape... — ele disse para si mesmo, estando um pouco contente por ainda conseguir manter seu monólogo interno, mesmo que transformado em outra criatura.

— ...Olá?

Alguém chamou, dentro de sua cabeça, o que era ainda mais absurdo do que todo o resto. Agora, ele tinha se transformado num boto, mas também tinha ganhado uma voz na cabeça para atormentá-lo? Isso não fazia parte de seu pedido à Natureza.

Mas não só a voz na sua cabeça era uma surpresa. Além disso, havia o fato de que ele estava debaixo d'água e, conhecendo o comportamento dos botos que já tinha visto, precisou ir rápido para a superfície em busca de ar. O que ele sentiu, ao soltar o ar que estava em seus pulmões e respirar um novo ar, foi indescritível. Ele estava vivendo tudo que passou a vida assistindo.

— Pedro? — A voz chamou novamente.

— O quê? — Reginaldo se sentiu profundamente ofendido, lutando contra todas as novas sensações. — Fala sério, tem anos que isso não acontece.

Ele achou que finalmente estaria livre de o confundirem com o seu irmão gêmeo, depois que Pedro se mudou para a comunidade do Pereirinha, no Norte da Ilha do Cardoso. Mas, aparentemente, não estava. Por alguma razão, justo quando ele tinha virado um boto, um dos sonhos de sua vida, tinha alguém chamando-o pelo nome do irmão.

— Você não é o Pedro. — A voz constatou, sem qualquer outra informação. Não tinha como ser um delírio de Reginaldo com ele mesmo. Realmente, tinha alguém falando por telepatia com ele.

Mas não podia ser. Como ele poderia, verdadeiramente, ter virado um boto? Como tinha alguém falando com ele debaixo d'água? Ele até tentou checar se tinha alguém ao seu redor que poderia, de alguma forma, estar falando com ele, mas não havia nada. Ele estava sozinho no estuário, embora não mais sozinho em sua mente.

— Não tem nenhum Pedro aqui — Reginaldo respondeu para a voz, se habituando a organizar os pensamentos em forma de falas. — Sou o Reginaldo.

— Reginaldo... — A voz ecoou. É difícil descrever a ansiedade que Reginaldo sentia a cada palavra que ela dizia.

— E você, quem é? — Ele perguntou, com medo de não ser mais respondido.

— Ah, sim, eu sou o José. — A voz voltou a falar com ele, como se o interlocutor estivesse distraído. — Sou um boto-cor-de-rosa e vou te ajudar na sua jornada, como um humano que virou um cetáceo.

— Um humano que virou um cetáceo... — Reginaldo ecoou o que José tinha dito.

— Ah, claro, um boto é um tipo de cetáceo. — José assumiu um tom animado, como se estivesse contando uma história antiga. — Um golfinho, do grupo dos odontocetos, que são os cetáceos com dentes. O outro grupo de cetáceos são os mysticetos, que são as baleias. Elas não têm dentes, mas têm barbatanas, que filtram a água e permitem a captura de alimento.

— Sim, eu já li sobre isso... — Reginaldo respondeu. — Então... Eu sou... Um boto... cinza.

— Isso mesmo! Cinza no geral, né, porque vocês têm a barriga rosada, que fica ainda mais rosa dependendo da atividade sanguínea. A sua está bem rosa. É o desespero de recém-transformado... Vou te enviar uma imagem mental de você mesmo.

— Uau, eu tô lindo! — Reginaldo disse, alegre. — Eu já vi tantos botos-cinza. Não acredito que virei um. E... Caramba... Como você faz isso? Como você fala comigo e me manda fotos pela mente?

Reginaldo não sabia o que esperar como resposta. Ele fantasiou sobre ouvir que, na verdade, ele estava delirando, e nada do que aparentemente estava acontecendo era verdade.

— Magia. Dã! — José respondeu a Reginaldo. Ele amava falar aquilo. A magia podia explicar qualquer coisa!

Indignado, Reginaldo ponderava mentalmente: *“Então, no fim, realmente existe magia. E as entidades talvez nos ouçam”*. Ele queria poder dizer para Erick que ele estava certo, suportando o jeito que ele ficava metido depois de ouvir isso.

— Então, você está me dizendo que, por pura magia, você fala comigo na minha cabeça, e me envia fotos. E, por pura magia, eu virei um boto-cinza? — Reginaldo checou.

— Sim. Magia! Ela não é pura e nem simples. É muito complicada, na verdade. Não tente entendê-la... Eu estarei aqui, de todo modo, te ajudando na sua jornada como um humano que virou cetáceo. — José falava num tom formal. — Consigo me comunicar com você via telepatia e ler alguns pensamentos, mas não gosto da segunda parte, porque é sempre muito confuso.

— Prefiro que não leia meus pensamentos, mesmo — Reginaldo solicitou.

— Anotado. Mas, bem, tem uma coisa... Você se chama...

— Reginaldo. — O boto-cinza falou pela segunda vez.

— Reginaldo... — O boto-cor-de-rosa disse, soando pensativo. — Ok, vou precisar checar isso. Vou me ausentar por uns instantes, então, preciso te dizer umas coisas. Presta atenção...

A cada segundo, entretanto, ficava mais difícil prestar atenção na voz em sua cabeça. Os novos sentidos eram difíceis de processar. Havia muito barulho ao redor dele: apenas barulho, muito barulho mesmo, que era difícil de descrever entre fontes. — Bom, Reginaldo, você precisará, sempre que sentir que o ar está acabando, ir à superfície respirar... — José voltou a falar, e Reginaldo se esforçava para direcionar seu foco a ouvi-lo.

— Disso eu sabia — Reginaldo respondeu. — Vejo muito os botos fazendo isso. É lindo!

Isso era novo para José. Normalmente, ele tinha que lidar com pessoas que mal conheciam os cetáceos. Mas, pelo tom de Reginaldo, ele era fascinado por aqueles animais.

— E o que mais você sabe sobre os botos-cinza? — José perguntou, empolgado com a novidade.

Antes que pudesse ouvir a resposta de Reginaldo, José se permitiu espiar a mente dele, e conseguiu ver todas as memórias do novo boto-cinza se organizando ao redor de um fascínio por cetáceos.

Ficou mais do que claro que amar os botos-cinza e outros cetáceos fazia parte de quem Reginaldo era. Havia também algo sobre um rapaz e uma banda emo, mas José se deteve antes de investigar essa parte. Ele odiava fofocas.

— Ah, eu sei bastante coisa até. — Reginaldo foi modesto. — Sei que eles estão aqui no estuário do Lagamar, e em boa parte da região costeira da América do Sul e da América Central. Aqui no Brasil, eles param de ocorrer ali pela região Sul por algumas razões, como a temperatura da água, que começa a esfriar muito, e a presença dos golfinhos nariz-de-garrafa...

— Ah, esses caras são rock'n'roll puro — José comentou. — Tenho um pouco de medo, para confessar. Eles levam muito a sério isso de competição, batem pra caramba nos botos-cinza que aparecem por lá às vezes, algo que eu acho desnecessário.

— Pois é, eu mesmo nunca irei para aqueles lados. — Reginaldo disse, antes de continuar falando sobre os animais que mais admirava. — Ah, sobre os botos-cinza, sei que eles odeiam barcos e que, se você quer vê-los, precisa respeitar uma distância segura. Eu também sei que tem algumas mães que ensinam os filhotes a caçar perto da praia por aqui. E sei que eles comem vários tipos de peixes, e até tentam se aproveitar das redes de pesca para capturar alguns. O que não raramente termina mal... — Ele pareceu querer continuar falando, mas se interrompeu.



— Sim. Você tem razão. — José respondeu, encantado com a pequena amostra de todo o conhecimento que Reginaldo tinha colecionado ao longo do tempo sobre os botos. — Que legal que você sabe tanto, Reginaldo. Você viverá bastante disso ao vivo, agora que você é um boto-cinza. Mas, bem, eu ainda preciso ir checar porque eu não te conheço.

— Tudo bem. Mas a Natureza deve ter motivo para ter feito isso. — Reginaldo comentou, e José se assustou um pouco com isso. Eram poucas as pessoas que falavam naquela divindade como se ela existisse de verdade.

— É... vou ver o que aconteceu — José demorou alguns momentos para reencontrar as palavras. — Enquanto isso, tenta também evitar os barcos por aí. Você deve ter percebido que consegue detectar as coisas ao seu redor com a eco...

— Ecolocalização, sim, é um negócio incrível! — Reginaldo exclamou. — Parece que eu sinto tudo ao meu redor. Na verdade, é bem isso mesmo: eu sinto tudo ao meu redor. — Ele comentou com um tom sonhador, embora aquilo fosse tão fascinante quanto confuso. Era muito estranho ter aprendido a explorar o mundo usando a visão e, agora, estar lidando com novas formas de entendê-lo.

Reginaldo não conseguia determinar, exatamente, tudo que estava ao seu redor. Não era um mapa preciso: ele conseguia entender, através dos ecos, o tamanho e a distância das coisas, e, com base nisso era possível distinguir algumas formas. Alguns barcos barulhentos ao longe. Formações rochosas ao seu redor e no fundo do mar, cheias de lodo cercando-as.

Outros botos, talvez, muito longe dali, emitindo ecos que ele conseguia reconhecer como de outros de sua espécie, embora não soubesse decifrar. E havia uma série de criaturas pequenas ao seu redor: camarões, peixes, águas vivas... Naquela água havia um mundo tão vasto, tão maior do que tudo que ele já tinha conhecido...

— Uau. Você manja mesmo de odontocetos. — José comentou, despertando a atenção de Reginaldo novamente.

— Ah, mas isso não deve ser surpresa, né? Eu pedi pra virar um! — Reginaldo se animou novamente com tudo, como quem se lembra de algo muito bom que lhe aconteceu só para recontar isso com alegria.

— Você.. Pediu para virar um boto-cinza? — Era a coisa mais maluca que José já tinha ouvido. E ele já tinha ouvido muita coisa maluca.

— Sim, e a Natureza me ouviu. — Reginaldo disse, de forma muito mais ponderada do que José esperava.

— A Natureza não atende aos pedidos de vocês. — José falou, achando graça na ingenuidade do boto-cinza animado.

Era no mínimo improvável, para o boto-cor-de-rosa, que essa historinha fosse verdade. José trabalhava há muito tempo naquele ramo para saber que pedidos às divindades são raramente ouvidos. Ele mesmo nunca tinha visto isso acontecer.

— Ela atende. — Reginaldo respondeu com uma certeza inquebrável que o lembrou do jeito que Erick falava. — O Erick me disse e eu não escutei. Mas, hoje, tive a prova. Ela sabe de tudo.

José tinha tantas perguntas. Sim, ele costumava ter muitas perguntas sobre os novos humanos-cetáceos que recebia para introduzir ao mundo marinho e para sua nova grande missão. Mas nunca tinha sido daquele jeito.

— Isso só fica mais confuso. — José falou, um pouco para si e um pouco para Reginaldo. — Ok, eu vou precisar ir verificar isso agora. Se cuida e aproveita a experiência, se isso é mesmo seu sonho.

— Claro que é meu sonho! Não consigo imaginar nada melhor me acontecendo — Reginaldo disse, adorando cada palavra. — Vou aproveitar muito!

— Que bom... Que lindo... — José ficou, novamente, sem palavras, algo raro para ele, e continuou observando Reginaldo alegre como nenhum humano-cetáceo tinha estado antes. Aquilo tudo era, no mínimo, raro. No mínimo.



José poderia ser o primeiro boto-cor-de-rosa do mundo a pedir demissão. Ele adoraria isso.

Ele se desligou parcialmente da mente de Reginaldo, confuso sobre tudo que ouviu. No entanto, seu rio no meio da Amazônia era adaptado com diversas funções mágicas dignas do gestor de uma profecia. Assim, era difícil deixar o impasse de lado verdadeiramente. Ele estava diante de uma grande pedra no fundo do rio que mostrava o boto-cinza recém-transformado e tudo ao seu redor, como uma câmera escondida. E eram muitas informações para administrar.

José deu as costas à pedra, irritado com o que estava por vir.

— Vou ter que falar com ela. Esse é o pior dia da minha vida. — José reclamou para si mesmo.

Ele emitiu, então, uma sequência de sinais com a ecolocalização, que tinham sido combinados há muito tempo atrás para chamar ajuda de sua superior. Ele odiava chamá-la, porque ela sempre o lembrava de que ele tinha contas a serem pagas consigo mesmo, apesar de se concentrar tanto em fazer um papel na vida de outros seres.

— José. Quanto tempo.

A voz dela é apenas uma forma de se manifestar voltada aos seres que falam — mas, para outros seres, essa divindade tem muitos outros jeitos de se fazer presente. Natureza, quando chega, se materializa em tudo. Na água, no ar, nas árvores: tudo se torna um sintoma de que ela está ali.

José achou um pouco espalhafatosa a forma que ela escolheu para aparecer fisicamente dessa vez: puramente hera crescendo no fundo do rio, com flores em forma de ossos nascendo de vários pontos. Ela já tinha sido várias coisas vivas desde que eles se conheceram, além de minerais e fontes de água. José usava a visão adicional que tinha, melhorada em relação aos botos reais, para observar em detalhe o que ela era a cada vez. Devia ser divertido trocar de forma daquele jeito, ele pensava, mesmo que não quisesse admitir que a invejava.

— Olá, Senhora. — José cumprimentou. — Faz muito tempo mesmo. Eu só a contato para emergências.

— Acho que sei do que vai falar. — Ela disse, com um tom de majestade.

— Bom, houve um incidente com um humano-cetáceo... Acho que transformamos o cara errado. — José disse, desejando que a situação fosse rápida e fácil de resolver e que não gerasse encrenca para ele.

— Não acho que é o caso — Ela disse, o que deixou José metade irritado e metade surpreso.

Ele, instintivamente, ecolocalizou em seus arredores, para assegurar que não havia nenhum outro ser o observando e rindo dele. Por que Natureza não explicava logo o que estava acontecendo?

— Não? — José checkou.

— Creio que temos uma falha de comunicação... Acho que me esqueci de te avisar. Está tudo certo, o Reginaldo devia ter sido transformado mesmo. — Ela disse, e tudo só ficou mais bagunçado na mente de José.

— Mas eu não recebi o arquivo dele antes da missão. — Ele disse, desejando que Ela pudesse ler a mente dele para que ele não tivesse que explicar que havia um engano.

Antes de todas as missões, José recebia um arquivo sobre o humano-cetáceo a ser transformado. Como todo o resto, tratava-se de um fenômeno puramente mágico: aparecia uma quantidade enorme de bolhas no lago, que carregavam informações sobre o novo humano envolvido na profecia.

Ao estourar as bolhas, José conseguia acessar esses conhecimentos. Era uma vida inteira, de medos e vitórias, explicada em resumo, para que ele entendesse de quem seria mentor.

— O arquivo que eu recebi foi o do Pedro... — José continuou dizendo.

— Que é irmão do Reginaldo. — Natureza disse, como se aquilo resolvesse tudo.

— E...? — José indagou.

As flores em forma de ossos se mexeram, como se uma brisa tivesse passado por ali. Mas eles estavam debaixo d'água em um rio. A magia é algo muito estranho.

— E o Reginaldo me pediu, muito direta e desesperadamente, para virar um boto mais cedo. — Ela confirmou a história maluca de Reginaldo na qual José se recusou a acreditar. — Tem pedidos que eu não consigo recusar.

Era isso que mais irritava José: como essas divindades só fazem as coisas de forma irresponsável, porque querem experimentar, ver algo acontecendo, e aí tem um “bobo-cor-de-rosa” para resolver tudo. Ele buscou não mostrar irritação enquanto disse:

— Entendi. Bom, isso é bem raro.

— Gosto de fazer algo assim de vez em quando, sabe. Para animar as coisas. — Ela disse, e José pensou numa resposta malcriada do tipo “*Que bom deve ser pra senhora, né, fazer uma bagunça que outro ser vai ter que arrumar!*”.

— Mas o que a gente faz agora? — Foi tudo que ele perguntou, em um tom pacífico.

— O Reginaldo é irmão do Pedro. Acho que um reencontro pode fazer bem para ambos.

José achou uma péssima ideia. Cheirava a encrenca, e ele realmente não queria encrenca. Ainda era segunda-feira!

— Mas por que o Reginaldo aceitaria isso? — O boto-cor-de-rosa perguntou. — Ele e o irmão não se falam há muito tempo. Eu não curto isso de ler mentes, mas tem muita coisa lá relacionada a isso...

— Vou te explicar como convencê-lo. — Natureza disse, e José odiou (muito) como ela tinha a solução perfeita para o impasse.



Nos minutos que passou sozinho, atravessando o estuário que conhecia como ninguém, o boto-cinza recém-transformado tentou aproveitar a chance de escapar de sua realidade.

Aquela era a realização de seu grande sonho de infância, no fim das contas.

A experiência de percorrer um caminho que ele já tinha feito inúmeras vezes num barco, mas navegando como um boto, era indescritível. Não só conseguir se desvincular um pouco da visão e se orientar pelos ecos que voltavam a ele após as emissões de ondas, mas também ver os peixes ao seu lado (inclusive, escapando para longe dele), sentir a água ao seu redor e, finalmente, se sentir parte de alguma coisa.

Havia barulho, havia lixo, ele sabia que logo os barcos de turismo apareceriam trazendo caos, mas aquele lugar soou melhor do que a terra. Ele poderia, talvez, ter ganhado da Natureza a grande resposta para os seus problemas. Ser um boto poderia salvá-lo de ter que ser um humano e lidar com reconstruir sua vida a partir de nada além de suas frustrações.

“*Eu posso ficar aqui. Posso não ter que ser ninguém além de um boto. É perfeito!*”, ele pensou, maravilhado, e a água ao seu redor parecia brilhar, e tudo era lindo por um momento, e ele estava feliz de verdade depois de anos de amargor.

A maré estava calma enquanto Reginaldo visitou a porção do estuário ao Norte da ilha de Cananeia, paralela à Ilha Comprida, onde ele sabia bem que havia menos barcos e barulho.

Lá também havia menos botos, algo que ele já conhecia: eles se concentram na porção mais ao Sul do estuário, próxima ao mar aberto e na qual a oferta de alimento é maior.

De fato, a história começou a mudar um pouco para Reginaldo quando ele voltou todo o caminho que tinha feito, para então chegar à Ponta da Trincheira. Lá, um lugar muito visitado pelos botos-cinza, ele começou a perceber a presença de outros de sua espécie. Era um grupo de cerca de quatro botos: uma mãe, seu filhote e outros dois machos.

Reginaldo notou, através da ecolocalização, que os botos cercavam um peixe. Como quando estava fora do mar, ele conseguiu notar algo que os botos fazem caçando juntos: capturam o peixe e começam a jogá-lo entre si, o que torna a caçada mais rápida e divide os esforços. A refeição foi compartilhada entre os indivíduos do grupo, e a mãe manteve a atenção em alimentar o filhote antes de tomar a sua parte da caça.

Reginaldo passou mais um tempo observando aquele grupo, se dedicando a olhar a mãe com seu filhote, as manobras que ela fazia com os peixes para fisgá-los e, depois, oferecer parte ao seu filho. Então, como se a realidade finalmente o chamasse, ele se lembrou da própria mãe, e começou a pensar que poderia não a ver de novo se, agora, era um boto. A voz de José voltou a soar na cabeça do boto-cinza antes que ele começasse a pensar mais sobre o assunto:

— Vi que você encontrou alguns amigos! Esses caras são muito legais.

— Você os conhece? — Reginaldo se surpreendeu.

— Ah, só alguns, reconheci pelas nadadeiras dorsais. É um jeito de reconhecer os botos-cinza, sabe. O pessoal usa bastante nas pesquisas científicas. — José esclareceu.

— Ah, já li sobre isso, é muito legal. — Reginaldo comentou, começando a se animar de novo com tudo aquilo. — Foi bem legal assistir eles caçando usando a ecolocalização.

O grupo, porém, já parecia estar longe dali. Era estranho para Reginaldo não conseguir se comunicar com ninguém e ter a noção de que, mesmo sabendo que dividia o estuário com tantos outros seres, ele estava sozinho com seus pensamentos. Logo ele, que sempre esteve mais do que bem sozinho, estava se perguntando por que não conseguia se comunicar com ninguém ao redor.

— Eu tentei me comunicar com eles, mas não consegui. — Reginaldo comentou com José.

— Ah, sim, é que aqueles ali são botos de verdade. Quer dizer, não são humanos transformados. Você demorará um pouco a aprender a falar com eles. É como aprender um novo idioma. — José explicou, notando o incômodo de Reginaldo.

— Entendi... — Reginaldo conteve uma vontade de perguntar se sua transformação tinha hora para acabar. Não, ele não podia já estar querendo virar humano de novo! Como? Por que alguém quereria ser humano? Aquela vida de boto era muito melhor, e...

— Mas, e aí, José — Reginaldo decidiu parar os próprios pensamentos, se distraíndo com uma pergunta para José. — Como foi a conversa com a Natureza?

— Ah, sim... Eu e você temos muito a conversar — José começou a dizer, com muita preguiça de tudo que teria que esclarecer e de ter que lidar com aquela bagunça. — Primeiro, eu preciso te explicar o que está acontecendo com você.

— Sim, acho que seria bom. Eu só sei que você é um boto-cor-de-rosa que, aparentemente, agora vive dentro da minha cabeça.

— Sim, sou um boto-cor-de-rosa. Mas eu não vivo na sua cabeça. Eu vivo em um rio secreto da Amazônia e, daqui, sou gestor de uma profecia...

— Gestor de uma profecia? — Reginaldo ecoou.

— Sim, essas coisas mágicas exigem muitos recursos humanos, sabe. E eu já fui humano um dia, até virar um odontoceto, como você. Fui a pessoa perfeita para o cargo — José quis reclamar um pouco de seu emprego, mas se conteve.

— Então você é, tipo, o boto-cor-de-rosa do folclore? — Reginaldo teve que esclarecer. — Que tem vários filhos?

Aquilo era algo engraçado de se pensar. Quando Reginaldo teria imaginado que conheceria um de seus ídolos da infância: o próprio boto-cor-de-rosa? Ele sabia muito bem que esses animais existem e são um fenômeno à parte na Bacia Amazônica, mas seria espetacular descobrir que a lenda também é verdadeira.

— Não, nada disso, aquelas são histórias que contam sobre mim e outros botos-cor-de-rosa. — José respondeu a pergunta que era frequentemente feita a ele. — Apesar de às vezes eu sentir que parece que vocês são todos meus filhos.

Reginaldo se perguntou: “*Tem algum outro boto aqui além de mim?*”. A ecolocalização claramente indicava que não. De quem mais José estava falando?

— Vocês... Quem? — Reginaldo questionou, emitindo mais sinais nos seus arredores para garantir que não havia outro boto-cinza ao seu lado, sobre quem José poderia estar falando.

— Ah, claro. Vocês, humanos que viram odontocetos por conta da Profecia dos Humanos Cetáceos. Ou, de um jeito mais resumido: humanos-odontocetos — José explicou, como se fosse fácil entender. — Eu ajudo vocês no começo dessa jornada, como te contei mais cedo.

— Você falou um monte de coisas que não fizeram sentido agora. — Reginaldo não conseguia se habituar ao termo “profecia” de jeito nenhum, mesmo que, agora, já acreditasse um pouco em magia.

— É tudo verdade!

Reginaldo se voltou à superfície, assustado. José observou com atenção a grande pedra que mostrava Reginaldo e seus arredores, em busca de quem estava falando aquilo.

Havia muitas aves marinhas pelo céu: guarás em seu tom vermelho vivo, gaivotas próximas à água tentando pescar o almoço, garças-brancas-grandes e garças-brancas-pequenas voando próximas... Mas, dentre todas essas, ele reconheceu uma figura de primeira.

— Ah, não, ela não! — José reclamou, olhando quem estava voando ao redor de onde Reginaldo estava debaixo d’água.

Quem estava se comunicando com os botos era Helena, uma fragata. Ela era velha conhecida de José, por sempre se meter em assuntos de cetáceos (e por, na opinião dele, ser muito chata).

— É verdade tudo isso, Reginaldo. Confia! — Ela reiterou, o que fez José se zangar. Como se ele pudesse estar mentindo! E como se ela fosse alguém em que se pode confiar!

— E quem é você? — Reginaldo questionou, um pouco desesperado, com mais uma voz dentro de sua cabeça.

— Sou a Helena! — Ela disse, sem explicar mais. — Eu infelizmente escuto vocês. Não sei por que, deve ser uma maldição.

— Deve mesmo! — José exclamou, sabendo que ela estava escutando. — Além de ficar tentando roubar os peixes dos botos-cinza, você fica se metendo nos meus assuntos...

— Bom, eu só aproveito que vocês já caçaram o peixe e tento conseguir algo pra mim. Não é nenhum crime... — Helena tentou se explicar para Reginaldo. — E, bem, por causa disso... Eu já esbarrei com vocês, botos, e teve uma vez que bati a cabeça muito forte na de um outro boto-cinza, enquanto estávamos perseguindo o mesmo peixe... Penso que pode ter sido assim que comecei a ouvi-los. Essas coisas mágicas são muito estranhas!

— Então tudo isso é verdade? — Reginaldo perguntou para Helena, um pouco contente por ter um ser visível confirmando que o que ele estava vivendo e ouvindo era real. — Existe uma Profecia dos Humanos-Cetáceos, que transforma pessoas em botos?

— E em baleias também. Mas esse é outro departamento. — José afirmou, tentando, sem muito sucesso, assumir o controle da situação.

— Eu já ouvi outros como você, Reginaldo. — Helena voltou a dizer. — Mas todos reclamavam tanto. Você parece tão feliz!

Apesar do comentário de Helena, Reginaldo não se sentia mais em um estado de graça como quando tinha se transformado. Na verdade, ele estava começando a ficar preocupado com os rumos daquilo, e com toda a cama de gato por trás da magia. Então, ele continuou fazendo perguntas:

— E por que eu virei um boto? Só porque pedi?

— Não, não foi só por isso. — José suspirou, um pouco sem querer confessar a verdade.

— Lá vem, José. Você sempre fica enrolando nessas horas! — Helena exclamou para os dois, e José desejou que tivesse algum feitiço que ele pudesse recitar para que ela desintegrasse.

— Então como funciona essa profecia, pelo amor de Deus? — Reginaldo perguntou, aflito.

— Pessoas que estão exercendo alguma ação negativa sobre um grupo de cetáceos são transformadas em um deles. — José explicou, surpreso por Helena ter ficado em silêncio enquanto isso. — E, a partir da experiência de vida como um cetáceo, esperamos que elas entendam o impacto que causam nestes outros animais.

— E eu... Sou uma dessas pessoas? — Reginaldo congelou, pensando na ironia daquilo.

Sim, Reginaldo era uma pessoa mais do que fascinada pelos botos-cinza. Mas, no fim das contas, ele também trabalhava com pescaria — e, com mais frequência do que gostaria, via seus queridos botos presos nas redes de pesca ou sabia de outros acidentes envolvendo-os.

Refletindo sobre as informações recém adquiridas, Reginaldo pensou sobre como fazia sentido pensar que ele causava impacto nesses animais, seja pela atenção que dedicava a eles ou, principalmente, pela interação que tinha com eles em seu trabalho.

A rotina das capturas acidentais era uma história que, infelizmente, Reginaldo conhecia há muito tempo. Usando a ecolocalização, os odontocetos não conseguem detectar uma rede de pesca — mas detectam os peixes presos a elas, o que soa, para eles, como um varal cheio de comida presa. É impossível para um odontoceto detectar uma rede de pesca antes que estejam enrolados nelas. E estar enrolado também significa o enorme risco ou a certeza de morrer por asfixia. Reginaldo já tinha assistido isso, e, toda vez, era como um luto. Como outros de seus colegas da pesca, ele chorava por esses animais, sem conseguir processar como coisas horríveis podem acontecer — especialmente a criaturas tão mágicas como os botos.

— Na verdade, não. — José conseguiu ver todo o filme que passou na mente de Reginaldo, e se sentiu triste pelas imagens do colega boto chorando. — O seu caso é diferente.

Fora d'água, Helena começou a voar em círculos rápidos. As outras aves marinhas do estuário acharam isso muito estranho, enquanto as pessoas na região ficaram deslumbradas por uma ave tão animada no céu.

— Uau, essa é nova! Uma fofoca! — Helena disse para os botos por telepatia, mas também emitiu um grasnido muito alto, lá de cima, como se estivesse anunciando um incêndio no mar.

— Nós estamos pertinho da Praia do Pereirinha, agora, entre ela e a Ponta da Trincheira. — José começou a dizer. — Você sabe que muitas pessoas vão para lá porque querem ver os botos, não é?

— Sim, esse turismo é bem forte aqui em Cananeia. — Reginaldo respondeu. — Eu mal consigo contar, por dia, quantas vezes vejo barcos vindo lá de Cananeia para a praia, trazendo os turistas para verem os botos, e...

Reginaldo pareceu entender para onde tudo aquilo estava indo, e parou de falar. Mas não quis dar o braço a torcer, então continuou esperando as próximas perguntas de José. Não podia ser o que ele estava pensando. Ele tinha que estar errado!

— Pois é... Acho que você sabe que o seu irmão, Pedro, trabalha com esses passeios para ver os botos — José disse, já esperando uma reação negativa de Reginaldo.

— Eu sei. — Reginaldo respondeu, irritado. — Isso tudo tem mesmo a ver com ele, então? Foi por isso que você me chamou de Pedro mais cedo?

— Tem a ver com você também. Mas só se você estiver disposto a cooperar. — José tentou acalmá-lo.

— Você quer que eu te ajude com o Pedro. — Reginaldo entendeu tudo.

Como se pudesse fugir de José, ele começou a ir para o lado oposto, se distanciando da Praia do Pereirinha.

— Sim, mas...

— Não, eu não consigo! — Reginaldo interrompeu José. — Não consigo tolerar ele de novo, depois de tudo que ele fez!

Lá em cima, a fragata se animou ainda mais. A fofoca estava muito boa!

— E o que ele fez? — Helena perguntou para Reginaldo, e José sentiu raiva pela interrupção.

— Não interessa! — Reginaldo respondeu com amargura. José riu sozinho daquela invertida que Helena tinha levado. Ela merecia!

— Ok, não tá mais aqui quem perguntou... — Helena sentiu vontade de ir embora; mas, como uma boa fofoqueira, ficou para ouvir no que a história ia dar. Porém, ela, agora, sobrevoava uma região mais distante de Reginaldo, na tentativa de fingir voltar à normalidade.

— E se eu te disser que você ganha algo com isso, Reginaldo?

Reginaldo ponderou sobre essa ideia. Ele já tinha conseguido algo que queria há muito tempo: virar um boto. Aquela aventura seria mais do que inacreditável para qualquer outro ser humano.

O que ele não esperava era que, seja em qual ser se transformasse, carregaria consigo seus problemas. Então, o boto-cinza estava um pouco resistente quanto a acreditar que tinha mesmo algo a ganhar com essa nova missão, quando essas coisas são sempre acompanhadas por algo a se perder.

— Você pode tentar me convencer — Reginaldo respondeu, mais curioso do que disposto.

— A Natureza me contou que você tinha dois pedidos hoje de manhã.

Reginaldo não esperava por aquilo. Natureza, então, tinha ouvido mesmo o que ele não terminou de dizer? O quanto ela sabia sobre ele? Ele queria poder perguntar para Erick.

— Sim, eu... Ia pedir para voltar no tempo e ter feito algo diferente. — Ele confessou. — Eu disse não para um futuro com um cara que eu amava, sabe, algo assim, bem bobo, e eu me sinto um bobo admitindo. Só queria voltar ao passado e mudar isso. Mas eu sei que isso deve ser impossível, que deve quebrar um milhão de leis físicas, e...

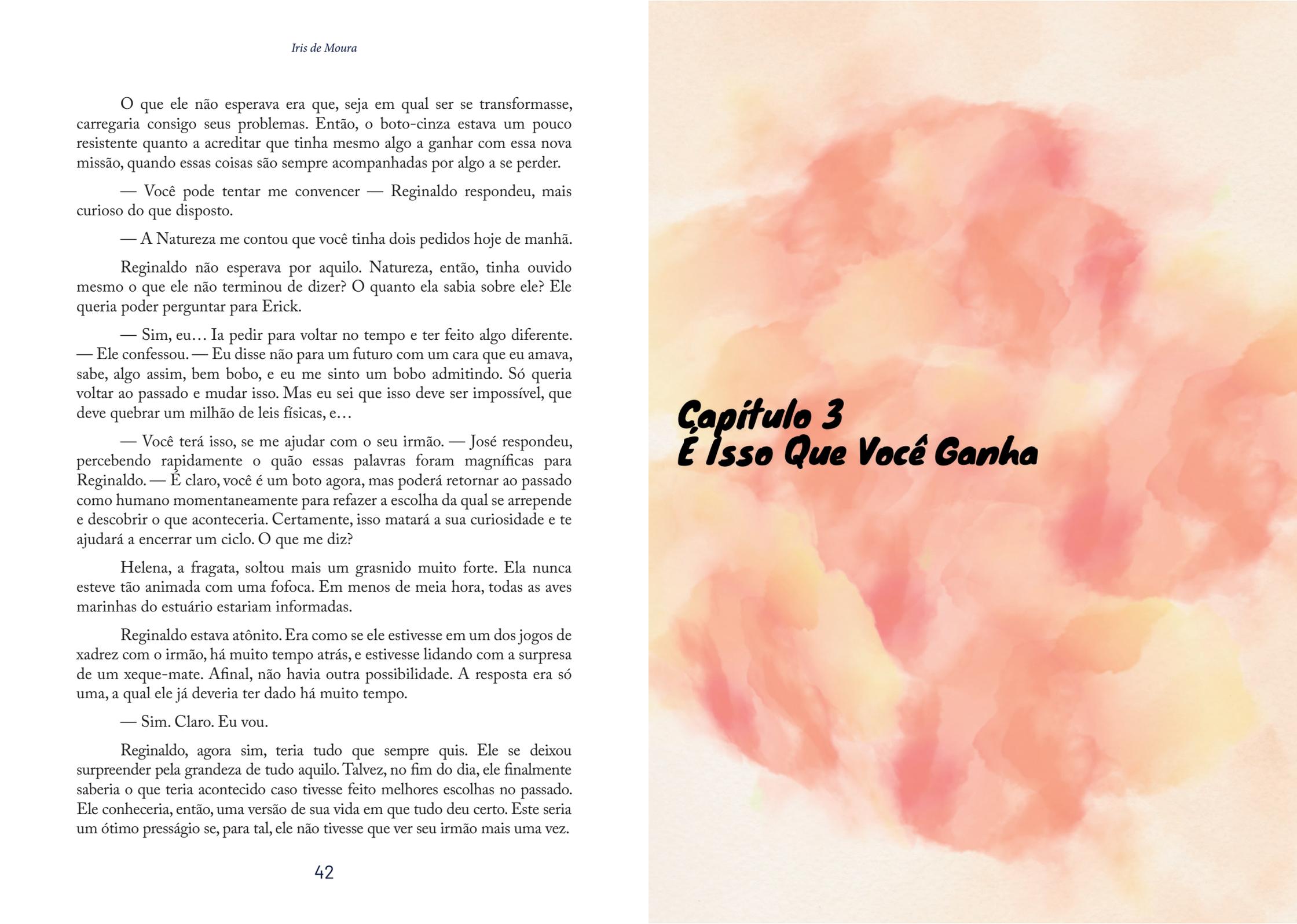
— Você terá isso, se me ajudar com o seu irmão. — José respondeu, percebendo rapidamente o quão essas palavras foram magníficas para Reginaldo. — É claro, você é um boto agora, mas poderá retornar ao passado como humano momentaneamente para refazer a escolha da qual se arrepende e descobrir o que aconteceria. Certamente, isso matará a sua curiosidade e te ajudará a encerrar um ciclo. O que me diz?

Helena, a fragata, soltou mais um grasnido muito forte. Ela nunca esteve tão animada com uma fofoca. Em menos de meia hora, todas as aves marinhas do estuário estariam informadas.

Reginaldo estava atônito. Era como se ele estivesse em um dos jogos de xadrez com o irmão, há muito tempo atrás, e estivesse lidando com a surpresa de um xeque-mate. Afinal, não havia outra possibilidade. A resposta era só uma, a qual ele já deveria ter dado há muito tempo.

— Sim. Claro. Eu vou.

Reginaldo, agora sim, teria tudo que sempre quis. Ele se deixou surpreender pela grandeza de tudo aquilo. Talvez, no fim do dia, ele finalmente saberia o que teria acontecido caso tivesse feito melhores escolhas no passado. Ele conheceria, então, uma versão de sua vida em que tudo deu certo. Este seria um ótimo presságio se, para tal, ele não tivesse que ver seu irmão mais uma vez.



Capítulo 3 É Isso Que Você Ganha

É isso que você ganha

O dia tinha começado muito cedo para Pedro. Ele até tentava acordar mais tarde vez ou outra, mas estava sempre desperto mesmo antes do sol nascer.

Depois do seu sagrado café extraforte, vinham algumas horas de preparo para o dia: conferir como estava a maré, checar o clima e a tarefa mais difícil: passar a manhã tentando convencer turistas a escolherem ele para conduzi-los a um passeio de barco de Cananeia até a Ilha do Cardoso. Havia muitos outros piloteiros e guias da região; então, era importante que ele fizesse um bom marketing para tentar atrair o público para si:

— Dona, eu sei onde os golfinhos ficam! Pode confiar!



Ele gritava com muita animação. Era estranho, para Pedro, esse hábito das pessoas da cidade grande de chamar os botos de golfinhos. Ele só conseguia se lembrar de seu irmão nessas horas, que um dia tinha falado para ele:

— Os botos e os golfinhos são a mesma coisa, sabe, iguaizinhos — Pedro estava atrás de Reginaldo, na cozinha, terminando de colocar a pipoca recém estourada em um pote para eles. — Depende do jeito que são chamados pelas pessoas que moram em cada lugar e os veem.

— Mas “botos” é bem mais bonito — Pedro disse para Reginaldo, que pegava os refrigerantes na geladeira, ajustando todos os preparativos para os dois irmãos assistirem à novela das nove com todo o conforto. — Soa bem melhor.

— É muito mais gracioso mesmo. E é parte da nossa tradição, de gerações que viveram antes de nós aqui no litoral. — Reginaldo disse, com um sorriso para o irmão, enquanto fechou a geladeira. Pedro adorava ver o brilho no rosto do irmão toda vez que ele começava a falar sobre os cetáceos.

Os dois irmãos eram diferentes em muitos aspectos, apesar de iguais fisicamente. No entanto, Pedro, há alguns anos, tinha o cabelo raspado, enquanto Reginaldo adorava seus cachos. Pelo que Pedro já tinha ouvido, seu irmão também tinha várias tatuagens agora — do jeito que ele sempre tinha sonhado, grudando todo tipo de tatuagem de chiclete pelo corpo quando criança.

Naquela manhã, estava especialmente difícil encontrar fregueses. Pedro se viu entediado, refletindo sobre a vida.

A viagem diária que ele fazia de sua casa, na Ilha do Cardoso, de volta para Cananeia, sempre o deixava um pouco nostálgico. Afinal, ele tinha passado a infância em Cananeia, e gostava bastante de lá. Mas, depois dos problemas com o irmão, faltou coragem para retornar, mesmo que para cidade que amava tanto.

— Sem sorte hoje, né? — Zeca, um de seus colegas piloteiros (e, às vezes, archi-inimigo), o cumprimentou. — Talvez o menino dos botos esteja perdendo a sua sorte!

— Não se preocupe, Zeca. Os fregueses sempre chegam pra mim! — Pedro fingiu que estava confiante.

Por muito tempo, Pedro foi um dos melhores guias da região — se não o melhor de todos. Isso começou desde que ele, aos quinze anos, arranhou um bico de ajudante de guia em um barco. Ele era quase um espetáculo à parte para os turistas e para os próprios pilotos: ninguém nunca tinha visto alguém que conhecesse o estuário melhor. Ele conseguia se localizar geograficamente como ninguém e tinha as melhores dicas de restaurantes e pontos turísticos (inclusive, pouco turísticos e mais especiais) na ponta da língua. Essa habilidade era fruto da natureza de Pedro de, quando garoto, vagarear sozinho pela região, conhecendo pequenos segredos e lugares bonitos.

Mas não era só o conhecimento de Pedro sobre o mundo terrestre que fascinava as pessoas. Na verdade, a coisa mais especial sobre ele parecia ser o fato de que Pedro sempre sabia onde os botos estavam. Era quase um sexto sentido. Os seus colegas pilotos viviam perguntando:

— Como você sabia que ele tava ali? Você apontou mesmo antes de ele aparecer!

— É só prestar um pouco de atenção! — Ele respondia com simplicidade.

Pedro tinha seus próprios métodos para conseguir ver bem os amados “golfinhos” dos turistas.

Primeiro, ele conseguia detectá-los observando com muita atenção o mar, pois é bem fácil confundir a nadadeira dorsal deles com as ondulações da água (algo que, em parte, ele tinha aprendido com Reginaldo). Depois, ele tinha desenvolvido uma técnica para vê-los mais de perto: ele ia se aproximando cada vez mais com o barco, o mais rápido que conseguia, para não perder o boto de vista. No fim, era possível ver claramente o boto indo para longe do barco, o que causava um enorme deleite nos turistas. Eles finalmente estavam vendo golfinhos de verdade!

Mas a ida de Cananeia para a Ilha do Cardoso e os avistamentos de botos eram só um passo dos passeios conduzidos por Pedro. O segundo passo, na verdade, ele considerava o mais valioso, especialmente em passeios em que poucos botos eram vistos pelos turistas. Era um segredo que ele sempre zelava para manter com seus clientes, pois havia uma chance de que, se os seus colegas descobrissem que ele fazia aquilo, quereres copiar-lo. Ele também sabia bem que os moradores da região, no geral, são contra esse tipo de atividade. Porém, ninguém pode reclamar se ninguém souber!

Uma família chegou no local em que Pedro ficava chamando os clientes. Para a alegria de Pedro, eles pareciam bem ricos. Ele se aproximou com um sorriso grande, e fez sua mesma promessa de sempre:

— Se vocês vierem comigo, vão ver muitos golfinhos, eu garanto! Eu sei achar eles como ninguém!

— Eba! — A menina, filha do homem e da mulher hipnotizados pela proposta, deu um gritinho alto e começou a saltar de alegria. Pedro sempre se sentia um vencedor quando havia aquela comoção.

A família se dirigiu para o barco de Pedro, e ele deu partida conforme começou as explicações que adorava.

— Vocês estão, agora, saindo de Cananeia. Essas são águas do estuário, o que quer dizer que não estamos no mar aberto. Na nossa frente, vocês estão vendo a Ilha Comprida, que é conhecida pelas suas grandes dunas e por suas muitas trilhas. Hoje, nós iremos para a Ilha do Cardoso, que fica mais adiante, ao Sul. Lá é uma Unidade de Conservação, em que são feitas muitas pesquisas científicas. A Praia do Pereirinha é uma das mais conhecidas de lá, principalmente porque é um dos lugares em que conseguimos ver golfinhos bem de perto.

De longe, Pedro conseguiu avistar o primeiro boto do dia. Era muito difícil observar estes animais com olhos não treinados, de modo que os turistas negaram conseguir vê-los. Pedro não perdeu tempo antes de acionar a marcha mais acelerada e se mover com rapidez para perto do boto. Ele já conseguia ver o riso daquela família toda, e via a gorjeta gorda que receberia ao fim do passeio.

Quando eles começaram a se aproximar do boto e Pedro esperava vê-lo adiante, indo para longe do barco, eles não viram mais nada. A família fez um silêncio que durou minutos, tentando encontrar o boto. Não viram nem sinal dele.

— Ué, para onde o golfinho foi? — A menina perguntou, ainda olhando ao redor.

— Ele vai aparecer! — Pedro disse de forma alegre.

Eles ficaram parados ali, com Pedro mantendo o motor ligado na intenção de conseguir acelerar rápido caso visse mais algum boto. Nenhum boto apareceu pelos quinze minutos seguintes.

A família começou a ficar impaciente, gravando vídeos enormes em seus celulares em que nenhum “golfinho” aparecia. Então, Pedro comentou:

— Bom, vamos seguir para a Praia do Pereirinha? Vou deixá-los lá, onde tem um quiosque ótimo que...

— Mas eu quero ver o golfinho! — A menininha reclamou.

— Sim, mocinha, eu sei! — Neste momento, Pedro soube que precisaria usar sua carta na manga. — A gente vai ver golfinhos, pode ficar tranquila. Bem de pertinho. O que acham de nadar com eles?

Foi uma comoção: a família se animou ainda mais do que antes. Pedro sentiu um alívio enorme por ter uma carta na manga. Estava tudo ao seu favor: era cedo, e ele conhecia um lugarzinho mais isolado na Praia do Pereirinha que costumava ficar cheio de botos pela manhã. Era o mesmo lugar em que sua família costumava curtir dias de praia há muito tempo atrás. Às vezes, ele mesmo ficava lá em seus dias de folga, contando botos como fazia com sua mãe e seu irmão.

Conforme navegava para a praia, Pedro se lembrou dos dias de praia em família. Era estranho conseguir se lembrar tanto de tudo e, apesar disso, não ter mais a mãe e o irmão por perto. Ele costumava imaginar que esbarraria com Reginaldo em algum lugar, só para eles se lembrarem de como são iguais um ao outro fisicamente, e aí também lembrarem de que há um mundo de distância entre o jeito que ambos lidam com a vida.

Para começar, Reginaldo era certinho demais e nunca concordava com as aventuras de Pedro. Um bom exemplo disso era a forma como a ideia de nadar com botos estava presente nas discussões que eles tinham nos dias de praia:

— Eu quero ir lá nadar com o boto! — Pedro esperneava para Reginaldo, que o segurava. — Me deixa!

— Deixa o boto em paz! — Reginaldo falava daquele jeito chato dele. — Eu quero continuar vendo-o. Se você for lá, ele vai embora!

— Não vai, não! A gente vai virar amigo! E ele vai me levar para conhecer o fundo do mar. E você vai ficar aqui, cozinhando na areia! — Pedro estava morrendo de raiva.

— Como se um boto conseguisse suportar você como amigo! — Reginaldo gritou.

— Meninos! — A mãe deles gritou de longe, antes que eles começassem a se bater, o que depois viraria um começar-a-jogar-areia-um-no-outro, que viraria choro por causa de areia nos olhos, que viraria riso, que depois viraria cumplicidade de novo.

Pedro, no agora, deu um risinho ao lembrar de seu irmão. Reginaldo, sempre tão ponderado, achando que sabe o que é melhor para todo mundo! Ele queria que Reginaldo estivesse na frente dele agora, para que ele pudesse dizer:

— Você não sabe a grana que vou tirar aqui, Reginaldo! Os botos são meus sócios! E você, com a sua bandinha de garagem? Nunca ouvi nada de vocês!

O que ele achava estranho. A “bandinha de Reginaldo”, como ele costumava chamar, tinha algum tipo de brilho que fazia qualquer um pensar que eles teriam sucesso. Talvez, no entanto, o brilho era só o fato de Pedro odiar admitir isso, mas achar o irmão um vocalista incrível.

Agora, Pedro já conduzia a família pela Praia do Pereirinha, que estava vazia dado o horário e o dia da semana — o que era ótimo para os negócios dele, já que não haveria ninguém que não estava envolvido no acordo tentando atrapalhá-lo.

— Os golfinhos costumam vir para cá caçar. Muitas vezes, tem filhotinhos também.

— Filhotinhos! Eles devem ser tão fofos! — A menininha exclamou, e seus pais a acompanharam com sorrisos.

A família se ajeitou na praia, passando dúzias de camadas de protetor solar, enquanto Pedro ficou observando a água, em busca de botos. Eles estavam quietos. Muito quietos, na verdade.

Até que, finalmente, Pedro viu um único boto, muito perto da faixa de areia. Muito, muito mesmo. Era quase ridículo como aquele boto estava perto, como se estivesse indo ali cumprimentá-los.

— Olha ali, o golfinho chegou! — Pedro disse com um sorriso enorme, se aproximando de onde o boto estava. — Vamos lá nadar com ele!

A família se alegrou e foram correndo, juntos e rindo, em direção ao boto. Pedro estava mais perto, já ao lado do boto, que se movia devagar em círculos. Muito feliz pelo dinheiro que ganharia depois daquilo, ele falou:

— Olha que coisa linda! — Ele estendeu a mão para tocar no boto.
— Eles são tipo cachorros d’água-

Pedro não conseguiu terminar a frase. Tudo que ele viu foi que o boto se mexeu de um jeito muito rápido, dando uma pancada nele, que o levou para debaixo d’água.



Se alguém fosse descrever a exata sensação de ser engolido por um tornado, descreveria o que Pedro sentiu. Ele estava tonto, com o corpo inteiro fraco e, pior: embaixo d’água ao lado de um boto que tinha batido nele! Além de tudo, a pancada tinha atingido seu olho esquerdo, e estava doendo muito.

Sim, Pedro já tinha ouvido histórias sobre pessoas que sofreram acidentes com botos, mas nunca imaginou que aquilo aconteceria com ele, vindo de um boto do seu amado estuário.

Quando conseguiu, finalmente, acalmar os seus sentidos, Pedro notou que havia algo de muito diferente no que ele era. Agora, ele não tinha mais braços, mesmo que tivesse tentado vê-los. A sua visão, inclusive, era pior do que antes, mesmo que agora ele conseguisse localizar as coisas ao seu redor a partir de um mecanismo diferente, que ele não conseguia explicar ou compreender completamente. As suas pernas também não estavam mais lá: agora, tinham dado lugar para um tipo de cauda.

— Virei uma sereia? — Ele se perguntou.

— Pedro! — Alguém o chamou. A voz falava com ele dentro de sua cabeça.

Pedro estava desorientado, tentando entender se tinha alguém ao seu lado. Os novos sentidos o confundiam.

— Quem tá falando comigo?

Ele detectou, ao seu lado, o provável causador de tudo: o boto que o tinha atraído para a água e, então, esbarrado nele!

— É você? — Pedro tinha um tom acusatório.

— Não, não sou eu — O boto respondeu, uma nova voz em sua cabeça. Mas não era uma voz qualquer; ele não esqueceria nem se quisesse a voz de Reginaldo.

Quando ele poderia imaginar que quando encontrasse seu irmão novamente eles dois seriam botos?

— Reginaldo? — Ele ecoou com desprezo, ainda se acostumando a se comunicar via telepatia. — Você? Aqui? Sua voz tá na minha cabeça? E você é um boto?

— Sim, eu virei um boto — Reginaldo só disse isso, sem querer se explicar mais.

Reginaldo conseguia perceber como o irmão estava confuso, embora não tivesse o poder de ler mentes que José tinha ao se comunicar com os botos. Ele conseguia apenas falar com o irmão via telepatia; e, pelo tom que Pedro usava e pelo jeito que se movia em formas desengonçadas, dava para notar que ele estava uma bagunça.

Um momento depois, Pedro se aproximou de Reginaldo, como se finalmente tivesse entendido tudo e agora estivesse calmo. Então, disse para Reginaldo:

— Caramba, que doideira. Você virou boto. Do jeito que sempre quis!

— Pra você ver... — Reginaldo disse, sem mostrar emoção.

— Mas tem outra voz, que me chamou quase agora... — Pedro tinha tantas perguntas, mas queria entender primeiro quem estava falando com ele. — Quem é você, voz estranha?

— Sou o José, um boto-cor-de-rosa. Vou te ajudar na sua jornada como um humano que virou um boto-cinza. — A voz finalmente ganhou um nome.

Então, havia dois botos que falavam com Pedro via telepatia. E, ele mesmo, era um boto. Ele não sabia como processar essas informações.

— Bom, eu estou no mínimo confuso com tudo isso! O que está acontecendo? — Pedro perguntou.

O novo boto-cinza, entretanto, começou a sentir um mal-estar, como se estivesse se sufocando. José foi rápido em avisar:

— Vai rápido pra superfície, exala e inspira de novo! Vai, rápido!

Pedro seguiu o comando, achando tudo muito estranho. Era diferente ver os botos indo para a superfície respirar e, agora, ser um boto que fazia isso de verdade.

— Caramba, que coisa, os botos vão lá para cima respirar mesmo. Eu já sabia disso, mas, uau... Isso acontece de verdade... — Pedro relatou ao retornar, deslumbrado.

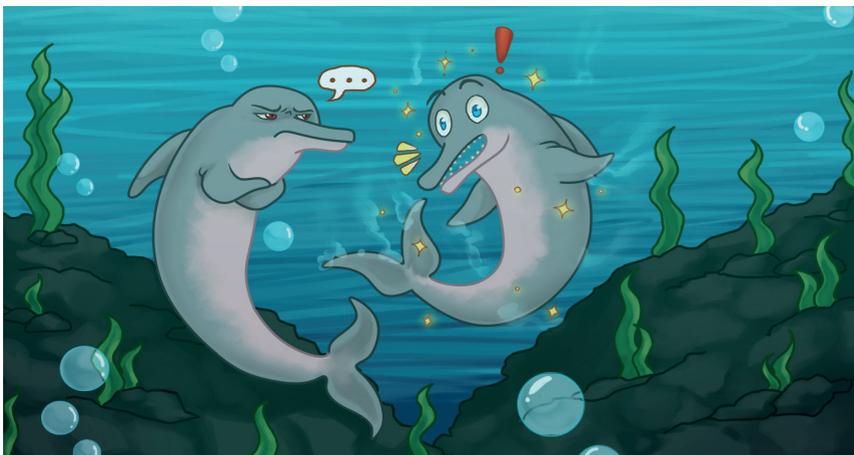
— Pois é, nenhum cetáceo respira debaixo d'água. — José respondeu.
— Eles realizam respiração pulmonar, como boa parte dos outros mamíferos.

— E os botos são parte de um grupo de cetáceos, né, os odontocetos — Pedro relatou uma memória antiga. — Me lembro de você me falando algo assim, Reginaldo.

Pedro falou aquilo com a ideia de um armistício, de admitir a presença do irmão ali e reconhecer que se lembrava de algo que eles já tinham vivido juntos no passado. Diferente de Reginaldo, ele sempre foi muito bom em recuar nas brigas, embora começasse boa parte delas. Reginaldo, por outro lado, era rancoroso demais e dificilmente pedia desculpas primeiro. Pedro odiava o jeito que ele se lembrava de tudo e estava sempre disposto a usar essas memórias contra ele.

Se alguém pudesse perceber a situação pela mente de Reginaldo, saberia que, na verdade, ele odiava brigas e a ideia de elas sequer começarem. Por isso, era difícil para ele perdoar os conflitos, embora não pudesse evitar viver cercado por eles. Então, ele não conseguiu conter a irritação que sentia com tudo que tinha visto o irmão fazer nos últimos minutos, e disparou:

— Por que você é assim, Pedro? Que ideia é essa de trazer gente pra nadar com boto? Se o pessoal lá de Cananeia descobrir isso, eles acabam com você!



Pedro odiou ter dado crédito para o irmão no que disse antes. Ele achou que estaria salvo de uma vez por todas do moralismo de seu irmão depois de ter ido embora da cidade deles, mas lá estava Reginaldo de novo, dizendo o que ele podia ou não fazer! Quem ele pensava que era?

— E você adoraria contar, né? — Pedro retrucou.

— Sim! — Reginaldo não mentiu, se movendo ao redor do irmão com impaciência. — Olha só o que aconteceu, cara. E se tivesse sido aquela menininha quem tomou a pancada de um boto? O que você ia fazer, espertão?

Pedro queria dizer que nunca tinha achado que algo assim aconteceria, que confiava muito em seus queridos botos, que os turistas amavam aquele passeio, que ele tinha um milhão de explicações... Mas, bem, não foi isso que ele disse.

— Bom, considerando que foi VOCÊ quem me deu a pancada, acho que isso não teria chance de acontecer! — Pedro exclamou. Era curioso para ele notar que era possível gritar mentalmente com outro ser.

José estava ficando irritado com a discussão dos dois irmãos botos. Ele considerou se desligar da mente de ambos, relaxar um pouco, fingir que nada do que estava acontecendo era com ele, pedir demissão... Mas ele tinha feito um acordo há muito tempo para conseguir seu exílio, que era tudo que ele sempre tinha desejado. Então, continuava ali, ouvindo os dois irmãos que não se suportavam discutindo.

— Claro que teria! — Reginaldo replicou, ainda mais alto. — Já aconteceu várias vezes em vários lugares pelo mundo. Teve gente que já morreu por querer abraçar um golfinho e ele, assustado, tentar sair, o que acaba numa pancada como a que você tomou. Você não pode fazer essas coisas...

Bom, o que Pedro podia dizer? Esse tipo de notícia corre rápido, e ele meio que sabia daquilo tudo, mas tinha dificuldade de aceitar. Como algo que era tão adorado pelos turistas e tão lucrativo poderia fazer mal desse jeito?

— Botos... — José advertiu os dois botos-cinza brigando.

— E você adora dizer o que as pessoas podem ou não fazer, né, Reginaldo? — Pedro ignorou José, para continuar a discussão com o irmão.

Cheio da discussão, José usou um de seus poderes de gestor de profecia, acionando um feitiço que fez os dois irmãos não conseguirem mais se comunicar telepaticamente. Ambos reclamaram, pois, é claro, queriam continuar brigando.

Realmente, José pensou: aquela aventura soava como encrenca, tinha cheiro de encrenca e andava como encrenca, porque era encrenca! E o pobre boto-cor-de-rosa teria que encontrar um jeito de enfrentá-la.

— Vou ter que pedir para vocês dois se acalmarem. — José voltou a falar com ambos, com uma calma fingida. — Isso não vai dar certo se vocês ficarem só brigando. Inclusive para você, Reginaldo.

Reginaldo pareceu ter se lembrado do motivo de estar ali. Não era para brigar com o seu irmão, embora aquilo fosse muito atrativo. Esse era apenas um desafio no caminho, uma pequena intempérie, que ele enfrentaria pela chance de consertar a sua vida.

— Ok, vou manter a calma, José — Reginaldo disse e se distanciou de Pedro, contendo uma vontade de dar as costas para ele.

José, então, se voltou a Pedro, que mal tinha chegado ao ambiente aquático e já estava lidando com tantos conflitos. Ele sabia bem que Pedro sequer tinha tido tempo de processar o que era o barulho do ambiente, o que era a água sobre ele e o próprio sentido da ecolocalização: ele apenas se ateu aos chumbos trocados com o irmão. Isso não era nada bom para um início de aventura.

— Pedro, eu vou te explicar algumas coisas sobre o que aconteceu, e vou pedir para prestar atenção. Você e seu irmão podem voltar a brigar o quanto quiserem depois, mas agora vou te explicar umas coisas que você tem que saber — José advertiu. Depois dessa bronca, tanto Pedro quanto Reginaldo sentiram um pouco de vergonha.

Pedro foi para longe de Reginaldo. José achou graça nisso, em como eles pareciam duas crianças malcriadas. Então, Pedro voltou a se comunicar com José:

— Eu só quero entender o que está acontecendo — ele disse.

— Claro. — José respondeu. — Bom, Pedro, você foi escolhido para viver a experiência de ser um boto-cinza. E eu vou te conduzir nessa jornada, te ajudando com explicações sobre como esses animais vivem.

Pedro estava um pouco distraído ao ouvir aquilo, tentando assimilar como não tinha que ficar batendo as pernas constantemente para nadar como quando era humano. Mas, mesmo assim, essa história pareceu um pouco simples demais para ele, do jeito que as coisas do mundo não são simples.

— Não me leve a mal, José — Pedro respondeu. — Eu conheço os botos-cinza. Desde pequeno, sabe. Por que tive que virar um para conhecer mais?

José, como um bom contador de histórias, não gostava de dar todas as respostas de início. Então, ele se manteve neutro dizendo:

— Você os conhecerá de um novo jeito agora. Garanto que valerá a pena. E o seu irmão, Reginaldo, ajudará ao longo de sua jornada. Vocês dois têm muito a ganhar com isso tudo.

Pedro considerou a proposta. Ele nunca tinha pensado na possibilidade de virar um boto, então era difícil imaginar se era algo de fato vantajoso para ele.

— O que exatamente eu vou ganhar? — Pedro questionou.

José descobriu, no arquivo que recebeu antes da missão apresentando Pedro, que ele era bem ganancioso, mas não imaginava que era tanto assim.

Para quase tudo, ele perguntava como seria beneficiado! Ele achava engraçado ter alguém como Reginaldo, que queria ser boto apenas pela graça de ser boto, lado a lado com alguém que queria saber como virar um boto traria algo de positivo para a sua vida. Como alguém que tinha escolhido ser boto pelo resto da vida, era curioso para José imaginar esse outro ponto de vista.

— Você gostaria de voltar a ser humano, né? — José perguntou, o que quase soou como uma ameaça para Pedro.

Reginaldo notou o irmão ficar preocupado: Pedro, agora, estava navegando em formas estranhas. Assistindo isso, Reginaldo pensou em como parecia o jeito que Pedro, como humano, começava a andar sem rumo pela casa ao mínimo som de nervosismo. Tem coisas que não mudam, mesmo quando você se transforma em boto.

— Claro! — Pedro exclamou. — Isso de querer virar boto é coisa do Reginaldo. Eu tô muito bem como humano. Quero virar humano de novo, por favor, senhor...

— Pode me chamar só de José. E você só conseguirá voltar a ser humano após essa jornada. Eu e seu irmão o ajudaremos a atravessá-la. — José buscou trazer alguma segurança a Pedro, ao notar que ele estava desconfiado. — Seu irmão estará aí ao seu lado, se comunicando com você por telepatia, assim como eu. Mas eu estou bem longe de vocês, aqui em meu rio secreto na Amazônia.

— Eu tenho que acreditar nas palavras de um boto-cor-de-rosa que se comunica comigo via telepatia, então? — Pedro perguntou, e tudo realmente soa absurdo colocando nessas palavras.

— Não só nas minhas palavras, mas nas do seu irmão. Né, Reginaldo?

José permitiu que Reginaldo se comunicasse com o irmão de novo, e ele disse:

— Sim, nós só queremos ajudar você a passar por essa jornada do melhor jeito possível — Reginaldo assegurou.

Por ter o irmão ali, que era tão certinho com tudo, foi mais fácil para Pedro aceitar todas aquelas coisas.

— Tudo bem, eu topo! — Pedro exclamou.

Reginaldo ficou feliz, pois, agora, estava um passo mais próximo do que queria com aquela aventura. José, por outro lado, se divertiu com a forma como Pedro achou que tinha escolha.

— Acho que vai ser interessante, sabe — Pedro continuou dizendo, enquanto se aproximava de novo de Reginaldo. — Vou ter muito a contar para os turistas depois dessa!

— Aposto que sim! — José respondeu.

Os dois irmãos começaram a se moverem juntos, devagar, com Reginaldo percebendo como Pedro, agora, se dedicava a organizar seus novos sentidos, do jeito que ele tinha feito mais cedo. Era uma tarefa difícil. Ele estava desejando força e concentração para o irmão enquanto o observava, como se isso fosse ajudá-lo em algo, quando sua mente foi novamente invadida pela voz de José:

— Reginaldo, espero que você saiba que isso tudo não vai dar certo se vocês só ficarem discutindo. Sei que tem coisas não resolvidas entre vocês, mas essas briguinhas não ajudam em nada. Peço para você só se manifestar em coisas que possam ajudar na jornada de Pedro, de verdade. Lembre-se de que você só terá o que quer caso coopere com isso tudo.

Reginaldo apenas aceitou, porque, no fim, ele mesmo não queria ficar brigando, e estava arrependido por ter explodido com o irmão mais cedo. Então, ele passou a seguir Pedro em silêncio. Ele ficou repetindo para si mentalmente que aquilo tudo era pelo melhor, o que José não deixou de notar. Ele não quis explorar a mente de Reginaldo para saber o motivo da mágoa entre os irmãos, porque tinha a certeza de que, eventualmente, isso viria à tona.

Capítulo 4 **Só Rezo Pra Ficar Bem**

Só rezo pra ficar bem

O agora trio de botos permanecia em contato, conforme os dois irmãos aprendiam a estar um ao lado do outro novamente. Pedro estava começando a se acostumar à ideia de se comunicar via telepatia e a ler os mapas oferecidos pela ecolocalização, que Reginaldo explicou para ele:

— É como se você tivesse um sonar. E aí, conforme você emite os sons, você recebe os ecos de volta e consegue saber onde está cada coisa ao seu redor — Ele explicou. — Ainda tô aprendendo a usar também, mas é bem legal. É um desafio para nós que usávamos basicamente só a visão o tempo todo.

— Sim, é meio confuso... — Pedro comentou.

Eles estavam, como sempre faziam quando brigavam, falando sobre amenidades antes de comentar sobre o que tinha gerado a briga.

Então, Pedro, que sempre dava o primeiro passo, voltou a falar, sentindo que tinha que se desculpar pelo que tinha feito ao longo de todos aqueles anos:

— Sabe, eu entendi que podia ter dado muito ruim mais cedo com o nado com botos, que não é bom nem pras pessoas nem pros botos... — Ele começou a dizer. — Não faço mais, prometo. É só que... É a minha técnica pra atrair clientes quando tem poucos botos. — Ele não sabia se receberia uma resposta fria ou compreensiva de Reginaldo.

— Tudo bem, Pedro. — Reginaldo disse, um pouco comovido pela habilidade que o irmão sempre teve de se desculpar facilmente. — Só é importante que você tenha entendido de verdade que nadar com os botos é arriscado para as pessoas e para os botos.

— Isso faz, mesmo, muito sentido — Pedro admitiu. — Eu lembro que até tinha um pouco de medo dos botos quando a gente era criança. Porque eles são grandes, né, e parecem tão fortes. E realmente são, a pancada que você me deu doeu pra caramba. Acho que esse machucado do olho vai virar até cicatriz! — Reginaldo achou graça naquilo, porque ele sempre perdia nas lutas dos dois. — Mas, naquela época, eu preferia mil vezes a ideia de chegar perto dessas criaturas fantásticas.

José assistia aos irmãos conversando, começando a pensar: será que aquela situação seria mesmo encrenca? Ele mesmo nunca tinha tido um irmão, então era difícil processar essas brigas grandiosas que voltavam a ser conversas calmas logo depois.

Ele achou que estaria, a aventura inteira, separando as brigas dos irmãos, que seria um estresse, que teria que acionar feitiços e mais feitiços para impedir que eles se batessem... Mas, minutos depois de uma briga, eles estavam ali, conversando numa boa!

Apesar de todos esses questionamentos, José se voltou ao presente, e contribuiu com a conversa dos dois da forma que podia:

— Isso não é incomum, Pedro — José voltou a falar com os irmãos. — Muitas pessoas são maravilhadas pelos botos-cinza e pelos cetáceos no geral, o que se transforma em uma vontade de chegar perto deles. Mas isso pode terminar bem mal, como o que te aconteceu hoje. Coisas piores já aconteceram com banhistas que tentaram chegar perto de golfinhos, como o Reginaldo disse antes. Sem contar que isso não só é ruim para os humanos, mas para os botos também.

— Pois é — Reginaldo concordou. — Eu odiaria ter alguém chegando perto de mim quando tô em paz, na água, e querendo encostar em mim, me abraçar... É o pior cenário possível!

Pedro achou aquilo engraçado. Então Reginaldo continuava o mesmo: completamente averso à ideia de qualquer pessoa perto dele, como um gato arisco. Ele não pôde evitar comentar:

— Isso porque você é o Reginaldo. — Pedro provocou. — Eu amo abraços!

Reginaldo, por outro lado, sempre comparou mentalmente o irmão a um vira-lata caramelo contente e simpático, que fazia festa para qualquer pessoa ao seu redor, só porque isso era parte de sua natureza.

— Mas pensa só: você é um boto, que é um boto mesmo, não um boto que era humano como nós dois — Reginaldo começou a se explicar. — E aí pensa num humano, uma criatura esquisita e que você não entende, indo atrás de você te agarrar. Você não sabe o que ele vai fazer. Eu me sentiria entre a cruz e a espada!

Realmente, Pedro entendeu o perigo. Não dava para negar — especialmente depois de ele mesmo ter sofrido uma pancada de um boto. Era algo que podia acabar muito mal.

— Não vou, mesmo, fazer isso de novo — Pedro prometeu para eles e para si. — Não quero que nada de ruim aconteça com as pessoas ou os botos. Eu só queria que as pessoas os vissem de perto, sabe, porque eles são lindos e incríveis... Mas entendo que é melhor para todos que cada um fique no seu lugar.

— Entendo você, Pedro, de verdade. — Reginaldo disse, voltando a se acostumar com a presença do irmão ao seu redor. — Parece que a gente é criança de novo, e você tá querendo abraçar os botos enquanto eu te convenço a desistir disso.

— Pois é, dizem que na vida as coisas vivem se repetindo, né? — Pedro disse, ao lado de Reginaldo.

Eles já tinham atravessado boa parte do estuário, próximos à Ilha Comprida, onde Reginaldo esteve sozinho mais cedo. Era mais calmo e quieto: um bom lugar para ambos continuarem se acostumando com a nova forma de entender o mundo.

Reginaldo refletia enquanto assistia Pedro explorar os arredores e se maravilhar com pequenas coisas — como rodeando uma água-viva e quase sendo queimado por ela, impressionado por a ecolocalização conseguir marcar um ser tão molenga.

Reginaldo começou a se lembrar do que era ter um irmão gêmeo — de como, apesar de terem implicado um com o outro a vida inteira, a beleza esteve em nunca terem estado sozinhos, desde que tinham nascido.

Todos os aprendizados tinham sido ao lado de Pedro: desde fazer formas de massinha de modelar a preparar macarrão ao alho e óleo, a brincadeira e o prato favorito de ambos por muito tempo. Pedro era uma companhia brincalhona que adoçava os dias de Reginaldo, que sempre tendeu a ser ranzinza.

Reginaldo, então, começou a se divertir com as suas memórias do irmão, como a tarde em que pegou Pedro cantando “*Só Rezo*”, do NX Zero, na cozinha, com toda a potência de sua voz explorada. Pedro sempre disse que odiava músicas emo e achava tudo uma besteira dramática. Naquele dia, não pareceu.

— Você está quieto demais, Reginaldo. No que está pensando? — Pedro questionou, como se conseguisse ler os pensamentos do irmão.

— Nada, eu só tô... Feliz que a gente é boto. — Reginaldo respondeu rápido demais.

O que era, em parte, verdade. Colocando em palavras melhores, ele estava feliz porque não era um boto sozinho. Estava, como sempre esteve, na companhia do irmão. E tudo pareceu querer voltar ao seu lugar.

José, na tocaia, estava um pouco admirado com todos os sentimentos ambíguos de Reginaldo. Ele continuava se recusando a explorar demais a mente daquele humano-cetáceo, porque todos os seres merecem privacidade; mas era fato que Reginaldo era um grande quebra-cabeça. Era difícil não ficar intrigado. A maior esperança do boto-cor-de-rosa mentor era que o homem que um dia foi o menino que queria virar boto-cinza encontrasse seu caminho, enquanto ajudava o irmão com o próprio.

Ele pensou por um segundo que isso era o mesmo que Natureza esperava para o próprio José, desde que o designou para cuidar da profecia. Mas o boto-cor-de-rosa evitava pensar demais sobre si mesmo e, então, voltou toda a sua atenção aos irmãos botos novamente.



Os botos-cinza continuaram explorando o estuário — ambos dedicados à tarefa de se provocarem menos (e, secretamente, gostando da companhia um do outro).

Após alguns momentos um pouco fora do ar pensando nos próprios problemas, Reginaldo notou como Pedro estava contemplativo, se mantendo em um diálogo animado com José que ele conseguia ouvir também, se prestasse atenção:

— Ali para mais perto do Norte da Ilha Comprida tem bem menos botos: se você quer ver, tem que ir para o Pereirinha ou para a Trincheira — Pedro relatava. — Eles caçam ali pertinho da praia. Às vezes dá até pra ver filhotes!

Todos eles ficaram um momento em silêncio assistindo a um grupo de botos caçando na praia do Pereirinha, como Pedro relatou. Era muito diferente assistir usando a ecolocalização e a partir do mar, e não olhando da areia.

— Os pesquisadores chamam esses botos de caçadores de praia. — José esclareceu. — Quase sempre, são mães com seus filhotes, ensinando-os a conseguir suas presas ali. Por isso, é um aprendizado que passa entre gerações.

Pedro achou aquilo muito interessante. Assim como com os humanos, as mães ensinavam o mundo para seus filhos. Da mesma forma que Reginaldo mais cedo, ele se lembrou da mãe dos dois, e se sentiu mal por vê-la com tão pouca frequência atualmente.

— E por que as praias? — Ele perguntou, tentando dispersar os próprios pensamentos. — Eu sempre digo para os turistas que eles gostam da plateia!

— É mais por preferências individuais mesmo. Alguns botos da população aprendem a caçar nas praias e fazem isso, enquanto outros, não — José explicou, assistindo através de sua pedra mágica os caçadores de praia e os dois irmãos a uma pequena distância deles. — Mas, como falamos antes, os botos nem de longe são tão apegados aos humanos quanto os humanos são apegados a eles.

— Eles só estão aqui na água, vivendo suas vidas... E sendo lindos! — Reginaldo disse de um jeito sonhador, o que fez Pedro rir um pouco.

José também achou engraçado ouvir Reginaldo dizer algo tão leve. Era bom perceber que ele não estava mais só na defensiva com o irmão como antes. Ele parecia cada vez mais envolvido na aventura.

— O mais legal é que essa população aqui do estuário é a única conhecida com esse comportamento, o que o torna ainda mais raro. — Reginaldo voltou a falar, pontuando algo que tinha aprendido em seus estudos sobre os botos-cinza.

— Pois é, é algo único — José concordou.

— Uau! É que a gente vê tanto por aqui que parece que é assim em todos os lugares — Pedro respondeu.

— Lembro que a gente via muito isso quando era criança. Bem mais do que hoje em dia, na verdade — Reginaldo disse.

— É, é mesmo. Ando tendo cada vez mais dificuldade de ver os botos.

— Eu também. Sinto que tem cada vez menos botos por aqui quando saio para pescar. — Reginaldo comentou.

— É uma observação que faz bastante sentido, botos — José os respondeu. — O turismo cresceu muito de uns tempos para cá em Cananeia e, com isso, tem muito mais barcos navegando, principalmente nessa travessia entre Cananeia e a Ilha do Cardoso, em que alguns botos costumam viver. Mas os botos-cinza não gostam nem um pouco de embarcações e buscam a maior distância possível delas.

— Mas por quê? — Pedro indagou.

No momento em que Pedro fez essa pergunta, um barulho enorme perturbou os dois irmãos. Era horrível, como uma buzina muito alta e estridente, se estendendo por todo o mar.

— Minha Nossa Senhora, que barulho horrível é esse? — Pedro perguntou.

— Agora que você falou... Eu já tava ouvindo umas coisas antes... Mas parece que agora ficou mais alto. — Reginaldo comentou.

— E parece que tá só aumentando... — Pedro começava a se desesperar. O barulho só ficava mais estridente, como se alguém estivesse aumentando o seu volume.

— O que é isso, José? — Reginaldo perguntou para o boto-cor-de-rosa, que estava em silêncio.

— São vários barcos com turistas realizando a travessia. Vocês estão ouvindo o som dos motores, principalmente. Está bem no pico de horário que os turistas costumam cruzar o estuário para a Ilha do Cardoso. — José explicou.

Pedro conseguiu, através da ecolocalização, notar os barcos e seu tamanho, além de perceber que estavam se movendo. Eles passavam longe dos dois botos, mas, dado o barulho enorme, não pareciam estar longe o suficiente.

Enquanto isso, Reginaldo subiu para a superfície para respirar, e se surpreendeu muito ao conseguir ver as pessoas dentro de um dos barcos.

— Caramba, eu consegui ver as pessoas! — Ele relatou para o irmão e para José ao voltar para debaixo d'água.

Pedro se surpreendeu e, quando foi respirar também, testou e viu que era verdade. Ele jamais teria imaginado que um boto consegue ver uma pessoa em um barco. Mas o entusiasmo não durou, porque ele ainda estava atormentado pelo barulho dos motores, com uma vontade imediata de voltar a ser humano e de que fosse uma noite silenciosa em que ele ouvisse nada além das ondas do mar. A ecolocalização também estava mais difícil com o barulho: os ruídos dos barcos atrapalhavam tudo para os botos.

— Lá fora, você até consegue ouvir os barulhos dos motores.... Mas, aqui dentro, é ensurdecedor. — Pedro comentou.

Reginaldo percebeu como o irmão, que estava há menos tempo na água, estava perturbado pelos sons. Devia ser difícil estar aprendendo a lidar com a ecolocalização há tão pouco tempo e, agora, ter mais aquilo interferindo.

— É porque o som se propaga mais rápido na água — Reginaldo comentou, tentando desviar a atenção do irmão. — E, Pedro, já estava um barulho bem chato antes, você não notou? Acho que é sempre assim aqui.

— Eu achei que era, sei lá, pressão da água ou algo assim. — Pedro começou a entender de outra forma o ruído constante que já ouvia mesmo antes dos barcos barulhentos. — Então, é tudo barulho?

— Em grande parte, sim, Pedro. — José explicou. — Chamamos isso de poluição sonora. São não só os barcos na água, mas também os ruídos da cidade ao redor. Especialmente por causa desse barulho estridente dos motores, é bem fácil para os botos quererem fugir para longe dos barcos.

Pedro começou a pensar sobre todas as vezes em que, com o seu barco, ele se aproximou de botos que estava vendo. Os barcos que passavam por eles estavam um pouco longe, e o som já era mais do que incômodo. Que tipo de caos ele mesmo tinha causado neste ambiente? Era terrível imaginar.

— E, bem, os barcos não são só barulhentos. — José voltou a falar. — Eles representam uma outra forma de ameaça para os botos...

Reginaldo sentiu como se tivessem colocado sal em uma ferida dele. Se ele fosse um humano agora, provavelmente teria se escondido em seu quarto para não ouvir o que vinha a seguir.

Mas aquela também era a jornada dele, afinal, e então ele comentou, na intenção de ajudar o irmão a compreender a gravidade de tudo que estavam vivendo:

— Tem muitos botos que são atropelados pelos barcos — doeu demais para ele falar, o que José notou. — Eu já vi isso acontecer algumas vezes.

Pedro ficou incrédulo. Ele não imaginava algo do tipo acontecendo de verdade. Num súbito, ele se lembrou de mais cedo, quando ele tinha visto um boto por ali e acelerou com toda a potência disponível no motor de seu barco para alcançá-lo e cativar os turistas que transportava com a bela vista.

— Minha Nossa... Eu... Aquele boto de mais cedo...

— Ele escapou, Pedro — José o consolou. — Mas o Reginaldo está certo. Não são todos que escapam.

— Uma vez, vi um que estava com a parte das costas com uma marca enorme, certamente das pás da hélice de um barco, perto da nadadeira dorsal — Reginaldo comentou. — Acho que tinha sido atropelado recentemente

— Os atropelamentos podem fazer isso mesmo, de gerar feridas. Mas, em casos piores, os botos podem perder a vida em uma dessas. — José disse, um pouco preocupado com o silêncio de Pedro. Certamente, era informação demais para assimilar.

Pedro se sentia muito estranho. Ele passou a infância admirando os botos de longe, nos dias de praia com seu irmão, com a vontade perene de entrar na água para abraçá-los. E, agora, estava tendo a plena noção de que o seu trabalho, que ele acreditava fazer crescer o fascínio das pessoas pelos botos, não só causava várias formas de desconforto a eles, mas poderia machucá-los.

— ... Pedro? Você tá bem? — Reginaldo chamou seu irmão.

— Não. Eu só... Não queria ter feito tudo que fiz. — Pedro admitiu.

Reginaldo sentiu uma grande compaixão pelo irmão. Como um pescador que convivia constantemente com a captura acidental dos botos, ele entendia bem o que era viver cercado por contradições e sentir culpa por isso.

— Pedro, você não sabia disso tudo que sabe agora... — Reginaldo começou a dizer.

— Mas eu podia ter imaginado, né? — Pedro o interrompeu. — Tipo, ir atrás dos botos na velocidade máxima, fazendo muito barulho e exatamente na direção de onde estavam. Era feito para dar errado. Como eu vou saber se, alguma vez, já deu errado?

Reginaldo quis tentar confortar o irmão, mas não soube como.

— Acho que você não vai — Reginaldo disse, se movendo ao redor de Pedro, que estava mais parado do que antes. — E, talvez, não valha a pena ficar de luto por isso, se o que você pode mudar realmente é o que vai fazer a partir de agora. Com tudo que sabe. Com tudo que se tornou.

É muito mais fácil dar conselhos do que os ouvir. Reginaldo sentiu isso, enquanto lutava pela sua chance de uma viagem no tempo, ao mesmo que falava da importância das escolhas do presente para o seu irmão. Mas ele se esforçou para não pensar mais sobre o assunto.

José permanecia em silêncio. Pela primeira vez em sua longa história na Profecia dos Humanos-Cetáceos, ele sentia que não era o grande responsável por guiar a jornada de um transformado. Talvez porque essa história não era só sobre Pedro entender o impacto que o que ele fazia causava nos botos-cinza, mas também porque era, finalmente, o momento de Pedro e Reginaldo entenderem um ao outro.

— Queria que tudo fosse fácil de novo — Pedro tentava se ater à água, aos ecos, ao novo lugar do qual fazia parte e às novas coisas que sabia, conforme navegava num ritmo lento. Águas-vivas, camarões, corais, estrelas-do-mar, barulho e barcos... era tudo que havia ao seu redor, além de um Reginaldo calado.

— Queria que a gente não tivesse que ficar fazendo escolhas que são complicadas e geram tantas perdas — Pedro continuou falando. — Se a gente ainda fosse criança seria tudo mais fácil. Queria que fosse tudo simples como você, de novo, me tirando da água e colocando juízo na minha cabeça.

— Eu não sei se já coloquei juízo na sua cabeça alguma vez. — Reginaldo admitiu, contra a sua vontade. — Eu acho que você sempre teve todas as respostas na mão, mas só é teimoso demais para admiti-las.

— Não sei, não. Parece que eu não sabia nada sobre os botos, no fim das contas...

Pedro estava triste com tudo. Como ele podia ter trabalhado ao lado dos botos esse tempo inteiro, falando para as pessoas sobre o estuário e sobre eles, desconhecendo o impacto que causava?

— Claro que sabe, Pedro — José comentou, tentando consolá-lo. — Você os conhece há muito tempo. E eu sei muito bem que te chamam de “menino dos botos” lá na terra, porque você sempre sabe onde eles estão e consegue achá-los como ninguém!

— Bom, é que são anos de prática... — Pedro se deleitou com o elogio. Reginaldo odiava a forma como o irmão ficava se achando quando alguém dizia algo bom sobre ele, mas tinha que admitir que era divertido ver aquela reação de novo, depois de tanto tempo.

— A diferença é que estamos discutindo perspectivas diferentes sobre os botos — José continuou. — Eu trago informações vindas de pesquisas científicas com os cetáceos, enquanto você tem a experiência de uma vida perto deles. Estamos todos aprendendo. E, agora, você, Pedro, conhece um pouco sobre o que é melhor para os botos, para além do que os humanos querem ou não fazer.

Pedro se contentou com o alento. Era agradável, de todo modo, sentir-se transformado pelas coisas que sabia. Era bom, também, reconhecer que a experiência de ser um boto mudaria a forma como ele trabalharia a partir de então, embora também fosse assustador ter que incorporar novos conhecimentos a uma prática que já fazia parte da sua vida há muito tempo.

— Mas, então, tem algum jeito melhor de levar os turistas para observar os botos? — Pedro questionou. — Porque é bom que as pessoas possam conhecer os animais que vivem aqui, né? Tentando causar o mínimo de impacto possível, é claro.

— Bom, embarcações sempre vão gerar barulho, que incomoda os botos e os afastará. Mas, sim, tem uma forma melhor de vê-los — José disse e, então, acionou um feitiço de localização. — Sigam o caminho que mandarei para vocês.

Magicamente, Pedro e Reginaldo conseguiram sentir um caminho se formando através de ecos na frente deles.

Eles o seguiram, sem questionar a magia. Quando ambos chegaram ao fim do caminho em silêncio, José voltou a falar com ambos:

— Nós estamos perto na área do Tião. Ele trabalha com turismo como você, Pedro. Mas a diferença é que ele tem algumas técnicas diferentes.

— Ah, olha eles ali! — Os botos conseguiram detectar alguém dizendo.

Longe deles, o barco estava desligado.

Era raro que os pilotos fizessem isso: como Pedro, eles tentam se aproximar o máximo possível dos botos, com receio de eles irem embora e na tentativa de vê-los mais de perto.

— Eu o conheço! — Pedro exclamou para os outros botos — Ele faz esses passeios que são mais demorados, porque ele usa a 1ª marcha e, assim que vê um boto, desliga o barco.

— Pois é — José ficou contente por essa coincidência. — Isso evita que os botos, como vocês, vão embora imediatamente por causa do barulho dos motores.

— Ainda está bem barulhento, na verdade. Mas acho que é um cenário melhor. — Reginaldo comentou. — E é um pouco reconfortante o barco não estar vindo para mais perto de nós. Deixa meio suportável que eles estejam ali.

— Com certeza. Se evita que os botos sejam atropelados, machucados, maltratados, ou tantas outras coisas que podem acontecer... — Pedro começou a divagar. — É melhor. É, com certeza, para o melhor.

Nesse momento, Reginaldo se admirou um pouco com o irmão. Ele o amaldiçoou por anos por ser do jeito que era e fazer as coisas do jeito que fazia, mas era bonito ver como ele tinha verdadeiras boas intenções dentro de si, como sempre tinha sido. Era o tipo de coisa que o tempo não mudava. Ele era o mesmo que cantava “*Só Rezo*” na cozinha, seu mesmo adversário de briga, e o mesmo melhor amigo com quem pôde contar, até decidir que não iria mais.

Reginaldo se entristeceu por ter jurado que nunca veria Pedro novamente — e agradeceu, em segredo, a seja lá quem os tinha unido de novo.

Capítulo 5 Admirável Mundo Novo



Admirável mundo novo

Pedro e Reginaldo passaram mais alguns momentos lado a lado explorando o estuário, longe da Praia do Pereirinha, conforme a noite se aproximava e o barulho dos barcos diminuía. Agora, o maior barulho era o da balsa que cruzava de Cananeia para a Ilha do Comprida, além do ruído da cidade, com o qual eles estavam aprendendo a se acostumar.

— Eu estou com um pouco de fome agora... — Pedro se queixou. — Vamos atrás de uns peixes!

Reginaldo guiou o irmão, que aprendia a usar a ecolocalização para caçar. Com os momentos a mais que tinha de mais velho como boto, Reginaldo já sabia como atuar na caçada. Ele começou a perseguir um peixe, orientando Pedro a ajudar a cercá-lo. Pedro cooperou, e Reginaldo usou a estratégia comum entre os botos-cinza na hora de caçar que tinha assistido mais cedo: jogou o peixe para o seu irmão, que o ajudou a nocauteá-lo. Eles dividiram a refeição, e José ficou admirado assistindo tudo aquilo. O boto-cor-de-rosa explicou, enquanto os irmãos comiam:

— Os grupos de botos-cinza podem variar bastante em número de integrantes. Mas esses grupos caçam juntos, no geral, e dividem a caça, como vocês estão fazendo. Os grupos não são fixos, no entanto: os botos vão vendo para onde é mais vantajoso ir e transitam entre eles.

— Isso é bem mais fácil do que caçar sozinho. — Pedro comentou. — E por acaso os botos caçam junto com outros animais?

— No geral, não — Reginaldo respondeu. — Eles competem por peixes com as fragatas, por exemplo. Descobri mais cedo que isso pode até ter dado origem a uma maldição...

— Uau! — Pedro usou um tom de surpresa exagerado. — Que coisa maluca tudo isso que está acontecendo com a gente.

— Pois é. — Reginaldo tinha que concordar.

Eles passaram alguns momentos navegando em silêncio, mas Reginaldo não pôde deixar de notar, pela forma como o irmão se movia, que ele estava um pouco ansioso.

— Então... — Pedro teve receio de perguntar isso antes, mas finalmente se sentia mais tranquilo: — Por que exatamente eu, entre todas as pessoas, fui transformado em um boto? Tipo, o Reginaldo sempre quis isso e tal, mas eu... — Ele fez uma pausa, com receio de soar rude. — Nunca quis nada disso.

Reginaldo, sabendo dos motivos por trás de tudo, se manteve em silêncio, aguardando as explicações de José.

— Pedro, você foi vítima da Profecia dos Humanos-Cetáceos, que afeta pessoas que estão agindo de forma negativa em relação aos cetáceos — José foi claro. — Essa profecia faz com que pessoas se transformem no cetáceo que estão afetando, para que entendam como é estar na pele dele e possam pensar sobre como agir melhor no futuro.

Pedro não estava surpreso, dado tudo que tinha aprendido.

— Faz sentido, eu meio que imaginei que era isso... — Ele confessou. — Eu entendo agora o que eu fazia de ruim. E até acho meio legal ser boto, mas...

— Você quer voltar a ser humano, né? — José perguntou, já sabendo a resposta.

— Quero! — Pedro respondeu rápido, se movendo com animação. — Como eu faço?

— Você vai precisar prometer mudar a forma como age em relação aos cetáceos, sendo uma das pessoas que atuará para protegê-los — José esclareceu. — Se não cumprir essa promessa, se transformará num boto de novo, sem chance de voltar a ser humano.

— Não precisa me ameaçar! — Pedro brincou, e Reginaldo achou graça. — Eu quero de verdade fazer diferente agora. Quero poder dizer para as pessoas como nós incomodamos os botos, como podemos ser melhores para eles, como o Tião sempre esteve certo...

Pedro fez uma pausa em sua fala. Ele também parou de se mover, o que Reginaldo estranhou, calado ao seu lado.

— Mas eu quero poder dizer mais coisas. Quero poder dizer como é incrível ser um boto, como eles fazem coisas incríveis. Explicar quem os cetáceos são, tudo que fazem de incrível, e falar sobre o ambiente aquático e tudo de sensacional que tem aqui! — Ele disse com uma animação que contagiou os outros dois botos.

— Aposto que os turistas vão adorar saber dessa parte também. — Reginaldo comentou. — É só você não dizer que virou um boto e tal, que senão vão achar que você engoliu água salgada demais!

Pedro achou graça no que o irmão comentou. Então, lembrando-se da briga que os separou, ele pediu para Reginaldo:

— Você pode me dar aquelas aulas sobre os cetáceos agora, Reginaldo. Eu prometo que vou ser um bom aluno.

Reginaldo ficou sem fala. Ele entendeu o que Pedro quis dizer. Ambos se lembraram de quando, há dez anos, Pedro e Reginaldo se preparavam para montar um negócio juntos.

Naquele tempo, Pedro estava desgostoso com a vida e cansado de Cananeia, querendo ir embora a qualquer custo. Mas ele ainda estava lá por causa de Reginaldo, que alimentava uma grande ideia de futuro para os irmãos:

— Vamos organizar um grupo de admiradores dos botos. Eu quero começar a faculdade e me formar como professor... Posso dar aulas sobre os cetáceos e falar o que já observei dos botos, e você pode nos levar pelo estuário para ver eles... Será como uma imersão no estudo dos botos, em como eles são importantes, e aí todo mundo vai ser fascinado como nós dois!

Reginaldo tinha sofrido uma mudança instantânea desde que Erick e a banda foram embora três anos antes, o que Pedro não deixou de notar. Desde então, essa nova ideia com os botos se tornou o projeto de vida dele. O tempo em que Reginaldo não estava trabalhando, ele estudava e arquitetava o novo negócio, acreditando fielmente que Pedro estaria lá com ele.

— Você parece ter tudo muito bem planejado, irmãozinho. — Pedro comentou, menos animado do que gostaria de admitir.

— Você sabe que eu sempre tenho!

Mas Reginaldo conseguiu se surpreender, apesar de todos os planos, no dia em que Pedro apareceu falando que tinha surgido uma chance de trabalho nova para ele em Paraty. A vaga era de guia turístico, com início imediato. Pedro esteve procurando empregos enquanto Reginaldo fazia planos, porque o seu maior sonho era conseguir dinheiro para fazer o que quisesse, em qualquer lugar que não fosse a cidade pequena que era tudo que ele conhecia.

Embora conseguisse, depois de mais velho, notar como o plano de Reginaldo era interessante e como eles podiam ter começado algo grande, a maior inquietação de Pedro era a de ir embora, e nada poderia detê-lo. Reginaldo, por outro lado, parecia estar em casa onde estavam os botos. Era o que Pedro imaginava, depois que ele foi capaz de dizer não à ideia de se mudar para São Paulo com o garoto pelo qual era apaixonado e sua banda.

— Você vai embora de Cananeia? Como assim? — Reginaldo não conseguia entender o irmão.

— Reginaldo, eu adoro aqui, mas quero ver mais coisas. Quero passear! Quero conhecer o mundo! — Pedro disse, erguendo os braços e esperando contagiar o irmão com o próprio ânimo. — Você não quer?

Se Erick não tinha convencido Reginaldo a sair da cidade, três anos atrás, nada mais poderia. Reginaldo estava convencido de que poderia construir em Cananeia uma vida com o que precisava, embora estivesse em luto pelo que perdeu. Ele, então, olhou para as próprias mãos, se sentindo um bobo, e respondeu ao irmão:

— Claro que não! Nós somos uma família. A gente não se abandona assim.

— Eu não tô abandonando ninguém — Pedro respondeu, com grande surpresa, pois não esperava ouvir algo tão hostil do irmão. — Seguir em frente com a minha vida não é abandonar vocês.

Reginaldo não conseguia colocar em palavras como se sentia. Era grande a mágoa por ter planejado algo e, agora, ver tudo se desfazendo. Ele poderia compor sobre essa decepção, talvez, mas naquela época estava afastado de tudo que envolvia música. A vontade que prevalecia era de não ver Pedro nunca mais, só por causa dessa frustração. Sem o irmão ali, como ele teria coragem para levar tudo para a frente?

Tudo que restou para ele demonstrar, assim, foi crueldade. Reginaldo gritou:

— Então, vai, mas eu não quero te ver nunca mais! Como você faz uma coisa dessa? A gente tinha vários planos...

Pedro estava com raiva também. Ele não conhecia essa versão egoísta do irmão, e não teve paciência para tentar entendê-la. Então, gritou de volta:

— Reginaldo, os planos eram todos seus! Se você começasse a agir ao invés de fazer planos, você provavelmente estaria muito mais longe na vida do que agora. E, pode deixar, não vamos nos ver nunca mais!

Ouvir isso doeu de forma indescritível para Reginaldo. Ele passou anos se recuperando dessas palavras.

Logo depois da briga, Pedro fez as malas e foi embora atrás dos próprios sonhos. Anos depois, no entanto, ele decidiu voltar para Cananea, com saudade do lugar em que cresceu. Ele pensou em procurar a família de novo, incluindo Reginaldo, mas não soube se deveria.

Assim, no presente, Pedro apenas via a mãe ocasionalmente, e ela mantinha uma opinião forte sobre a intriga dos dois:

— Você e o Reginaldo só brigam assim porque se amam muito. E eu acho que vocês já estão crescidos demais para ficarem de intriga assim por tanto tempo. Até parece que têm cinco anos de novo!

Mas Pedro reconhecia a gravidade de tudo que tinha dito, na mesma medida que ainda se sentia mal pela culpa que Reginaldo tinha colocado nele. E, então, agora eles dois eram botos, e Pedro estava pedindo para que o irmão fizesse algo parecido com o que ele queria ter feito lá atrás. Dar aulas sobre os animais que amava, amplificando o maravilhamento que uma pessoa poderia ter por eles. Reginaldo estava em silêncio. Ele teve as mesmas memórias que o irmão naquela fração de segundo — e, agora, se sentia arrependido pela forma como agiu. Ele não sabia como colocar em palavras o que queria dizer agora; então, disse ao irmão:

— Claro, eu te conto tudo que você quiser saber, Pedro. Mas eu posso fazer isso, José? Não era você o guia, oficialmente?

José estava muito entretido com os diálogos, frustrações e sonhos dos irmãos. Ele queria que houvesse pipoca debaixo d'água, e que um boto pudesse comer pipoca. Só tinha uma resposta que ele poderia dar para Reginaldo, que era:

— Você está aqui para isso, Reginaldo. Mostre ao seu irmão tudo que você sabe.

Os dois irmãos botos, então, começaram a navegar rumo ao fundo do mar. Reginaldo notou que o irmão se movia fazendo várias formas complexas, conseguindo explorar tudo com cada vez mais rapidez, nitidamente fascinado pela facilidade daquilo para os botos.

— Os botos, como nós, têm um corpo perfeitamente adaptado para o ambiente aquático. A nossa nadadeira caudal ajuda a gente a se deslocar, e a nadadeira dorsal, que fica aqui em cima, na “coluna”, atua no equilíbrio e nos ajuda a lidar com as correntes marítimas. E as nadadeiras peitorais, que antes eram os nossos braços, ajudam a gente a se orientar no espaço, e a gente também as usa pra interagir com outros da nossa espécie.

— Que daora. Braços e pernas, perto disso, não são tão incríveis assim! — Pedro comentou.

Eles caçaram mais peixes juntos, e Reginaldo começou a falar para o irmão sobre a relação entre os botos e outros animais:

— Nós botos comemos várias espécies de peixes de pequeno porte, como a sardinha e o cangoá. Mas também podemos comer camarões e lulas.

— Deve ser muito difícil caçar uma lula. O peixe já nos deu aquele trabalho todo!

— É mesmo. E você tem noção da diferença que faria se a gente não estivesse aqui? Nós somos predadores de topo aqui no estuário, o que significa que controlamos o tamanho das populações de todos os grupos de animais que vem antes de nós. Com isso, nós basicamente controlamos a diversidade biológica do ecossistema inteiro!

— Ah, é aquela coisa que você já me explicou, né, sobre as teias alimentares? — Pedro se lembrou, e isso deixava Reginaldo tão feliz. — Tipo, se a gente não estivesse aqui para comer os peixes, ia ter peixe demais num primeiro momento. E aí, os animais dos quais os peixes se alimentam, como peixes menores, seriam muito caçados pelos muitos peixes, até não sobrar nenhum. Nisso, os peixes não teriam o que comer... E, com esse tipo de desequilíbrio, o ecossistema inteiro entraria em colapso.

— Pois é, Pedro. Todos os organismos que são parte de um ecossistema importam de alguma forma para manter a sua saúde. Pelo nosso papel de predadores de topo, nós, cetáceos, temos grandes responsabilidades.

Reginaldo e Pedro continuaram a explorar o ambiente. Eles se divertiam juntos, com Reginaldo cada vez mais feliz quando ouvia o irmão dizer algo que ele o tinha ensinado há muito tempo atrás, ou mesmo quando Pedro ensinava algo novo a ele.

— E Pedro, você sabia que os cetáceos também são os jardineiros dos oceanos?

— Jardineiros? Somos predadores e jardineiros? — Pedro achou estranho imaginar essas duas coisas coexistindo.

— Os cetáceos são assim. — Reginaldo continuou explicando. — A gente transporta nutrientes pelo estuário por meio das nossas fezes, que fertilizam o fitoplâncton, que é a base de boa parte das teias alimentares marinhas. E nós também armazenamos carbono no nosso corpo e o transportamos ao substrato quando morremos e afundamos.

Eles continuaram navegando, e Pedro se acostumava cada vez mais com o ritmo de ter que ir respirar fora d'água. Também conseguia detectar cada vez melhor as coisas ao seu redor: os outros botos, águas vivas, aves marinhas lá fora, embarcações mais distantes, o barulho da cidade... Havia também o fundo do estuário, com suas rochas cobertas de lodo e as pedras, e todo o grande sistema ao seu redor. Era especial se sentir parte dali.

— Nunca achei que eu faria parte da natureza, assim, na minha vida inteira! — Pedro comentou, conforme se movia ao lado do irmão. — É bizarro como tudo está conectado aqui no mar.

— Mas você não se achava parte da natureza antes, Pedro? — José indagou, voltando a conversar com os irmãos.

— Ah, nem tanto, porque a gente é ser humano, né? — Pedro comentou. — É diferente quando você é um animal e está aqui, sentindo tudo, fazendo toda essa diferença na vida de outros seres.

— Mas eu acho que nós humanos fazemos uma diferença bem grande, na verdade. — Reginaldo comentou. — Por exemplo, pensando no que vimos mais cedo, sobre os barcos. A nossa presença causa impacto sobre os outros seres. Nós temos várias responsabilidades, como os botos têm. E, querendo ou não, fazemos muitas escolhas sobre o futuro da Terra.

— É verdade. — Pedro disse, contemplativo. — E vocês podem confiar em mim, eu vou fazer o que puder para melhorar este lugar para os botos-cinza.

— Eu acho que acredito em você — Reginaldo disse ao irmão.

— Pode acreditar. — Pedro afirmou.

Eles passaram mais um tempo juntos, apostando corrida, testando quem conseguia ficar mais tempo sem respirar (o que quase terminou muito mal), perseguindo peixes só pela diversão, e tentando (sem sucesso) uma comunicação com outros botos-cinza.

— Quando voltarmos, a gente podia fazer aquele seu grupo de admiradores de cetáceos acontecer. — Pedro falou, de forma repentina. — Você poderia me ajudar com os pilotos, os treinamentos, novas ideias...

Reginaldo ficou lisonjeado com a ideia. Mas, bem, ele iria voltar? Ele tinha se contentado com o plano de ser um boto para sempre ao iniciar a missão, apenas com a exceção de voltar ao passado e fazer uma escolha diferente, só para saber como seria.

— Eu tenho algumas coisas pra resolver, mas... Talvez. — Ele respondeu com o que tinha.

— Reginaldo, você nunca vai me perdoar? — Pedro interrompeu o irmão, um pouco desesperado. — Não tem ninguém mais chato do que você na Terra inteira, né?

Os dois botos estavam frente a frente na água, e José temeu que eles comesçassem a discutir de novo. Mas a resposta de Reginaldo foi doce:

— Eu já te perdoei, Pedro — Ele achou graça na raiva do irmão. — E eu acho que você foi corajoso por ter feito o que fez. Você sabia o que queria e foi atrás.

Depois da grande briga, Pedro nunca imaginou que ouviria Reginaldo admitir que achava ele corajoso. Mas ele também não tinha imaginado virar um boto. Ou ver o irmão de novo. Ou ecolocalizar. Então, era apenas mais uma surpresa dentre muitas outras.

— Sabe, Reginaldo, uma coisa sobre o mundo é que as coisas estão aí — ele se atreveu a aconselhar Reginaldo, que odiava receber conselhos. — E eu sempre torci pra que você as fizesse acontecer. Você sempre foi tão incrível em tudo: tudo que você toca fica mágico. Eu acho que quis dizer isso naquele dia, do meu jeito torto: só queria te ver vivendo as coisas incríveis das quais você é digno. Tenta se fazer feliz, tá? — Pedro disse e, diante dessas palavras, Reginaldo ficou um pouco emotivo, apesar de não querer admitir.

— Não passou pela sua cabeça que eu virei um boto? — Ele perguntou ao irmão. — Eu posso só viver feliz pra sempre aqui... — Reginaldo devaneou sobre essa ideia, antes de ser interrompido por Pedro:

— Bom, você quer isso?

José estava adorando a discussão, como toda a aventura. Apenas pelo efeito dramático, ele decidiu terminar por ali a jornada dos dois irmãos juntos. Era hora de Reginaldo resolver sozinho seus próprios dramas.

— Bom, rapazes, a jornada do Pedro terminou por aqui. Eu estarei de olho em você, Pedro, e caso veja que não está cumprindo seu dever, te trago de volta. — José advertiu.

— Não precisa, mesmo, ameaçar, cara. — Pedro disse. — Eu quero ajudar.

— A gente se vê então. — Reginaldo disse ao irmão, um pouco triste por vê-lo ir, de novo.

— Não tem como se abraçar sendo boto? — Pedro perguntou subitamente.

— Não, boto não se abraça. — Reginaldo achou engraçada a espontaneidade do irmão.

— Mas, para interagirem entre si, é bem comum que os botos-cinza usem a boca ou o corpo para baterem uns nos outros, o que acaba deixando marcas ao longo do corpo. — José explicou. — Vocês não têm nenhuma, já que acabaram de virar botos. Quer dizer, o Pedro só tem essa marca no olho que o Reginaldo causou...

— Bom, então acho que eu mereço te marcar também, irmãozinho! A gente tem que dar um abraço de boto agora! — Pedro disse, animado.

Reginaldo e Pedro, então, se esbarraram com os dentes, deixando algumas marcas na lateral do corpo um do outro. Reginaldo pensou que elas se pareciam com tatuagens, e gostou da ideia de que os botos-cinza vivem cheios de tatuagens por aí.

— Te vejo lá em cima, irmão! — Pedro se despediu. — Seja lá o que você vai fazer aí. Inclusive, o que você vai fazer aí?

A questão não tinha acometido Pedro antes. Para ele, só tinha soado natural, desde o início, Reginaldo ter estado lá.

— Eu te conto depois. — Reginaldo garantiu.

Reginaldo detectou, através dos ecos, a névoa furta-cor que tomou o corpo de seu irmão boto. Pedro, assim, foi transformado em humano novamente, deixando Reginaldo sozinho no mar, com muitas perguntas (e algumas respostas) sobre tudo que tinha passado.



— Reginaldo, como está sendo ser um boto? — José surgiu na mente de Reginaldo, questionando-o.

Ele sabia um pouco sobre como Reginaldo estava confuso, mas estava curioso para ouvi-lo dizer.

Era o tipo de momento de uma aventura em que José evitava ao máximo ler a mente dos humanos-cetáceos, focando em testemunhar o que eles fariam a seguir.

— Menos incrível do que eu imaginava, tenho que confessar — Reginaldo disse, se acostumando, de novo, a estar sozinho.

— O quê? Como assim? Você realizou seu sonho de infância! — José respondeu.

— Mas acho que eu não esperava virar um boto e ficar pensando como um humano — Reginaldo admitiu, e ele achava isso bem irônico, como se Natureza tivesse pregado uma peça nele. — Mas, de alguma forma, me sinto mais eu do que era antes disso tudo. Faz sentido?

“*Que coisa bonita de se ouvir!*”, José pensou. Então, respondeu:

— Faz, sim. Eu consigo perceber em você essa clareza.

Reginaldo não parecia exatamente calmo.

Ele continuava preocupado e bagunçado, mas não soava mais desesperado como mais cedo. Mesmo diante da alegria que o cercou quando ele se transformou, que surpreendeu o próprio José, ele conseguiu notar um desespero. Ele queria muito, sim, ser um boto. Mas isso era, antes de tudo, uma vontade de fugir de sua própria vida.

— Isso tudo foi extremamente especial — Reginaldo disse, achando essas palavras insuficientes para descrever o que tinha vivido. — Sou muito grato à você e à Natureza por tudo.

— Imagina, esse é o meu trabalho — José respondeu, parando de analisar o boto-cinza e curioso para ouvi-lo. — Na verdade, você foi o grande condutor nessa história toda, e me surpreendeu muito com tudo que sabe sobre os botos-cinza e os outros cetáceos. Acho que o seu projeto com o Pedro tem muito potencial para dar certo.

Antes que eles pudessem continuar a conversa, ondas de brilho começaram a flutuar na água ao redor de Reginaldo. Pequenos redemoinhos se transformaram em tinta lilás sendo derramada na água. Da pedra em que assistia tudo, José assistiu a água do estuário ficar lilás, e ele sabia o que era aquilo:

— Natureza está aí com você. — José disse um pouco para si mesmo, sem acreditar. Reginaldo interpretou a incredulidade na voz dele, embora não soubesse da raridade daquele fenômeno e estivesse apenas espantado pelo que tinha testemunhado.

— Reginaldo. Que prazer finalmente conhecê-lo. — A voz de Natureza soou na cabeça do boto-cinza. Soava como seda.

— N-natureza... Olá... — Era bem estranho falar com uma divindade, principalmente quando Ela estava na água ao seu redor.

— Foi realmente algo quando você me chamou mais cedo. Você parecia acreditar em mim com tanta força. Como? — Ela questionou, ansiosa pela resposta.

— É porque eu acreditava em alguém que acreditava em você... Senhora. — Ele respondeu, porque imaginava que Ela conhecia Erick. Ela tinha que conhecê-lo.

— Eu sei. E você quer uma chance de vê-lo de novo, não é? — Ela perguntou, animada com o que vinha a seguir.

— ... Quero — Reginaldo disse, ainda calculando como articularia seu pedido para a divindade.

Ele já sabia o que faria, embora ainda estivesse em conflito sobre isso, no fundo de sua mente. Apenas porque tinha mudado de ideia rápido, embora de forma natural, ao longo das horas com o irmão.

Antes de tudo que tinha acontecido, ele não tinha nada além de inseguranças acumuladas quando o assunto era o futuro. Agora, ele tinha esperança.

— Bom, eu posso te enviar para 2009 com apenas algumas palavras mágicas... — Natureza começou a dizer.

— Senhora, eu... — Reginaldo a interrompeu. — Gostaria de mudar meu desejo.

José e Natureza ficaram incrédulos, sem entender o que estava acontecendo. O acordo não tinha sido pelo menos parte do motivo para Reginaldo ajudar na missão com Pedro? José conteve o impulso de ler a mente do boto-cinza para saber o que ele faria a seguir. Um silêncio grande os cercou.

— Eu não quero mais voltar no tempo... — Reginaldo começou a falar, e então todas as palavras começaram a sair dele. — Pode parecer repentino, eu sei, mas eu não quero voltar e mudar o que eu fiz. Eu acho que eu precisava ter feito aquilo. Eu precisei passar por tudo que passei para chegar a esse momento. Tudo precisava ter acontecido. E eu posso mudar as coisas a partir de agora, sem mexer no passado. Como o meu irmão.

José achou lindo o que ele disse e se emocionou, sozinho, frente à enorme pedra submersa que mostrava a ele a cena. Natureza também estava admirada, embora o tom de lilás da água continuasse o mesmo.

— É a primeira vez que um humano barganha comigo! — Natureza exclamou, concordando com José quanto à beleza de tudo que Reginaldo tinha dito. — Você é corajoso!

— Eu nem sempre fui, mas serei a partir de agora. — Reginaldo reconheceu.

Era bom, finalmente, reconhecer isso — e, ao mesmo tempo, fazer um pacto consigo sobre o porvir.

— Mas, então, o que você quer, Reginaldo? — José perguntou para o boto-cinza, ciente de que Natureza também o ouvia.

Reginaldo tinha pensado muito sobre isso ao longo da aventura. Afinal, se não fosse viagem do tempo ou ser boto, o que ele poderia pedir? Ele não queria magicamente mudar a vida que tinha. Ele não queria conhecer um universo em que tudo tinha sido diferente, mesmo que fosse mais fácil.

Havia apenas uma possibilidade que o encantava. Então, foi a ela que ele se apegou e pela qual barganhou:

— Eu quero continuar sendo um boto, mas apenas durante parte do tempo. Quero poder me transformar em humano sempre que desejar.

— É um pedido muito grande — José disse, já esperando uma bronca de Natureza.

Mas Ela sempre surpreende, então disse:

— Nem tanto. Eu estava disposta a causar uma guerra no Cosmo por viagem no tempo por causa desse botinho. Tudo bem, querido, pode ser humano e boto, sim.

Reginaldo ficou tão feliz. Começou a se mover alegremente, vendo grandes formas cheias de glitter que também estavam ali seguindo-o. Era tão estranho quanto lindo, como tudo que tinha acontecido.

— Conhecendo você, diria que você sempre teve um coração de boto, não é mesmo? — Natureza completou, assistindo, contente, a animação do boto-cinza.

— Acho que sim — Reginaldo amou o trocadilho.

— Eu só não aceito que você perca essa coragem de novo. Não aceito que se arrependa de tudo mais uma vez e se alimente disso todos os dias. Seja valente, ok? — Ela disse, por fim.

Mesmo que uma divindade não tivesse pedido isso dele, Reginaldo tinha decidido que, depois dessa aventura, a única opção para ele seria ser valente.

— Eu vou. A Senhora verá!

Natureza foi embora sem dizer mais nada, e as coisas estavam todas no lugar de novo. A água do estuário era amarronzada outra vez, embora um novo ser mitológico tivesse acabado de nascer. José permanecia em silêncio, ainda surpreso pelas escolhas do boto-cinza.

— Você é realmente grandioso, Reginaldo. Caramba! — Ele disse. — Estou orgulhoso de você. Acho que você entendeu tudo que fazemos aqui no meu departamento.

— Como assim? — O boto-cinza questionou.

Para alguém que estava quase sempre reclamando internamente sobre seu emprego, José começou a falar de uma forma um pouco encantada demais:

— Algo especial sobre as profecias, pelo menos a que eu administro, é que elas acontecem a algumas pessoas, mas o que é sempre diferente é a forma como as pessoas saem delas — José falava como quem fazia uma confissão, algo raro para ele. — E, aqui, eu sempre espero que as pessoas saiam melhores do que chegaram. Porque a Profecia dos Humanos-Cetáceos se baseia na ideia de que as pessoas podem mudar para melhor, se entenderem de uma nova forma o mundo à sua volta.

Ele disse aquilo para e sobre Reginaldo, mas as palavras também tinham gosto de algo que podia ser dito para ele mesmo. E José, finalmente, entendeu o plano de Natureza com toda essa história complexa. Ele se sentiu um pouco grato por ela ter orquestrado algo tão grande. No fim, não foi difícil, mas foi magnífico, conhecer os dois irmãos botos-cinza, e assistir a Reginaldo perdoar a si mesmo por tudo que não fez, além de Pedro se perdendo por tudo que tinha feito.

— Então, você acha que eu vou mudar para melhor, como o Pedro? — Reginaldo questionou, fazendo José acordar de seus devaneios.

— Eu sei que vai. E sei que, dessa vez, será melhor para você mesmo.

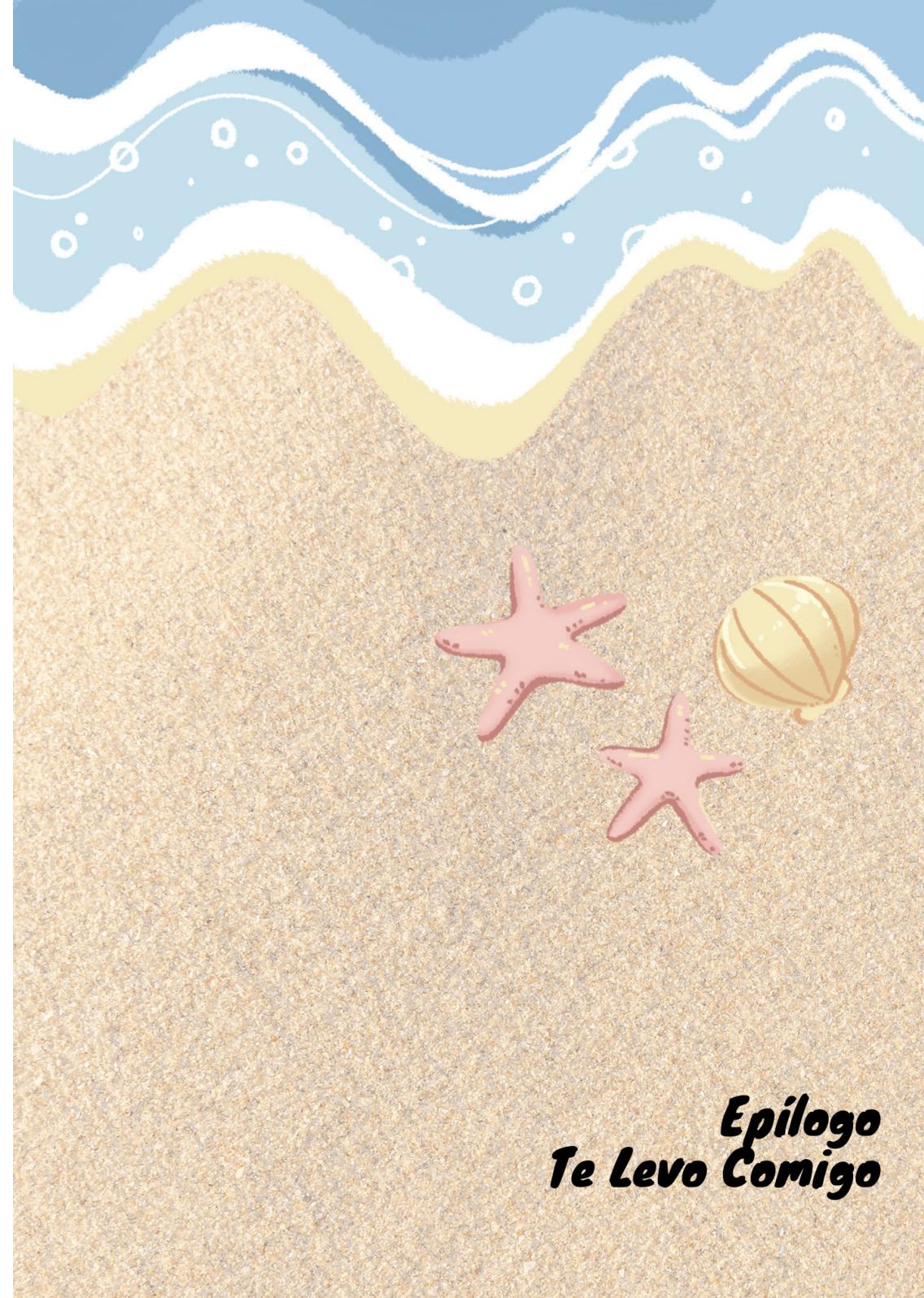
Reginaldo se emocionou muito com aquilo, e teria chorado se já fosse humano de novo.

— Estarei aqui sempre que você virar boto, caso queira conversar. Ou, talvez, me ajudar em alguma missão — José disse, adiando dizer adeus a Reginaldo.

— Claro, com certeza. Pode contar comigo! — Reginaldo disse, e sentiu a conexão com José enfraquecer. Agora, ele estava novamente sozinho — do jeito que se é possível estar sozinho em um ambiente aquático, com tantos seres diferentes navegando ao seu redor.

Reginaldo, então, passou aquela noite como boto, absorvendo os ecos noturnos do estuário e a grandeza do que tinha lhe acontecido. Então, no raiar do sol, ele cantou mentalmente a música que escolheu como suas palavras mágicas para voltar a ser humano: *I Write Sins Not Tragedies*.

Ele retornou, magicamente, para a voadeira emprestada de Seu José, e para a certeza de que aquele não tinha sido um dia perdido em muito sol e arrependimento. Ele estava orgulhoso de quem se tornaria a partir de agora.



***Epilogo
Te Levo Comigo***

Te levo comigo

— E aí você não vai acreditar, Cláudio! — Zeca exclamou, numa animação enorme. — A gente ficou vendo os botos! Por um tempão! E a gorjeta pagou a pizza em casa de noite!

Os piloteiros e guias riam juntos, acumulados ao redor da mesa de jantar da casa de Dona Rosa e Reginaldo. Ele ouvia os homens, de longe, enquanto organizava o material do curso sobre os cetáceos após a última aula do primeiro módulo.

— Esses dias a gente testou uma coisa, que o Reginaldo ali sugeriu — Zeca apontou para ele. — A gente montou uma escala de quem pode ir pra água a cada dia, para reduzir um pouco o barulho, né, que incomoda bastante os botos. E aí apareceu muito mais botos! Era boto pra todo lado. A gente quieto na água, observando, e um monte de boto... E os turistas amando, e pagando a mais... Um absurdo!

— Caramba, então dá certo mesmo o que o Tião faz. Quem diria! — Paulo, outro piloteiro que participava do curso, comentou.

— Ele tem nos ajudado bastante aqui também, nos treinamentos com vocês — Reginaldo respondeu.

Os piloteiros continuaram a conversa, aproveitando o bolo de cenoura e o café que Reginaldo tinha preparado para o lanche. Pedro, antes ocupado com a máquina de lavar roupas, entrou pela sala.

— Tem mais cinco inscritos! — Pedro disse, com alegria na voz, enquanto mexia no celular. — A gente já tem dez, agora. É bastante para um mês, né?

— Sim, eu acho que é — Reginaldo respondeu, ajudando os alunos do curso a levar a louça para a pia. — Ainda mais com o depoimento do Zeca agora, que logo a cidade inteira vai ouvir. — Reginaldo sorriu. — Acho que é grande coisa.

— Pode deixar, vou espalhar pra todo mundo! Agora a gente tem dois meninos dos botos de novo. E eles sabem de tudo! — Zeca disse, animado, acenando para os irmãos enquanto saía pela porta.

Os outros homens foram embora, e Pedro comentou com Reginaldo como tinha encontrado um lugar provisório para eles alugarem e terem como sede do Grupo de Admiradores dos Botos de Cananeia. Há algumas semanas, os encontros estavam sendo na casa da mãe deles, mas eles queriam algum lugar mais confortável e adaptado para as aulas. Pedro estava muito mais dedicado ao projeto do que Reginaldo achou que seria possível, e continuava falando para o irmão:

— Eu estava estudando um pouco ontem também... E eu encontrei algumas pesquisas sobre a quantidade de turistas que a Praia do Pereirinha comporta. São só mil, embora em alta temporada muito mais sejam levados para lá. Acho que a gente podia tentar voltar com uma forma de sinalizar a quantidade de pessoas que já têm lá que eu encontrei em um estudo, para garantir que a praia e a água não ficarão sobrecarregados. Isso pode até ajudar as pessoas a verem mais botos, né?

— Acho que tudo isso funcionaria muito bem, já que estamos construindo esse lugar para cuidar junto com os guias e piloteiros. Se a gente continuar nesse ritmo, se escutando e conversando, acho que vai dar tudo certo. — Reginaldo respondeu, e Pedro sorriu. Eles andavam formando um ótimo time.

Pedro começou a lavar a louça e Reginaldo a secar. Após alguns comentários sobre os últimos dias e a rotina, Pedro perguntou:

— E como anda a vida de boto?

— Tô começando a conseguir me comunicar com os outros botos. Sério, é demais...

— E se eu sair da linha para virar um boto de novo? — Pedro disse com o ar rebelde que ele sempre gostou de usar para provocar o irmão. — Parece tão legal, agora que não sou mais um...

— Mas, Pedro, você nunca quis isso! — Reginaldo exclamou.

— Seria muito bom para os negócios! — Pedro continuou.

— Pedro, fala sério! — Reginaldo teve receio, por um segundo, de o irmão não estar brincando.

— De jeito nenhum. — Pedro disse, negando exageradamente com a cabeça. — Não tem nenhuma chance de eu falar sério nessa vida. Não sei como você acredita em mim às vezes.

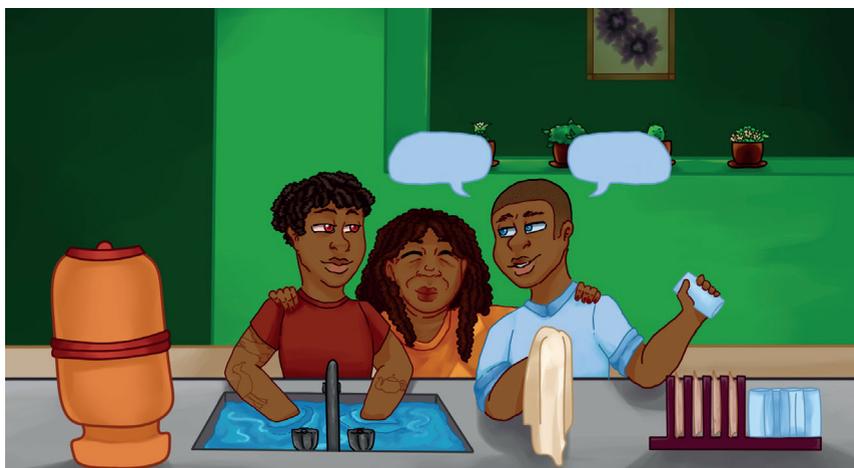
Reginaldo deu um risinho, fadado a sempre levar as coisas que o irmão dizia um pouco a sério demais.

— O que será que eles fariam se soubessem que a gente virou boto? — Pedro voltou a falar. Era algo sobre o que ele pensava com certa frequência desde que a aventura dos irmãos botos tinha terminado.

— Não acreditariam, é claro. Igual a Mãe — Reginaldo disse, e ambos riram.

Como se tivesse sido chamada, Dona Rosa chegou do trabalho. A visão dos dois filhos juntos e rindo ainda a surpreendia, e ela achava que demoraria a se acostumar de novo. O que não era um problema, pois era algo ótimo com o que se acostumar.

— Que lindos! Meus filhos, juntos! — Ela os abraçou, e eles deram esse abraço de trio, que ficou extinto por um longo tempo.



Após terminarem a louça, Reginaldo se direcionou ao seu quarto, no qual o irmão entrou também. Pedro viu, então, a mala de Reginaldo já fechada, e ele organizando as últimas coisas em uma mochila vinho. Reginaldo era tão cuidadoso com as suas coisas que era a mesma mochila que ele tinha desde a escola, Pedro se lembrava.

— Você tá indo hoje, então? — Pedro checkou.

Toda vez que admitia para si mesmo o que estava prestes a fazer, Reginaldo precisava inspirar uma grande quantidade de ar e exalar devagar. Foi o que ele fez, antes de responder a Pedro:

— Sim, mas eu já marquei as próximas aulas teóricas com o pessoal para daqui a duas semanas, não precisa se preocupar. Pode ir adiantando as suas práticas e tal — Reginaldo disse.

— Fica tranquilo. Minhas aulas são as mais legais mesmo, eles vão amar — Pedro estava mexendo nas unhas, se gabando só pelo gosto de se gabar. Ambos sabiam que as duas aulas eram importantes no propósito deles.

Em terra firme, eles discutiram muito sobre o futuro de seu negócio, assim que Reginaldo apareceu no lugar em que sempre soube que Pedro ficava em busca de turistas. Eles discutiram por longos períodos sobre como fazer tudo acontecer — por exemplo, as aulas no período da manhã na casa da mãe deles (porque o lugar em que Pedro vivia mal era adequado para qualquer ser vivo viver, na opinião de Reginaldo) e seus temas. E discutiram sobre um plano de carreira para Reginaldo — que, na verdade, ele já tinha arquitetado desde que voltara do mar.

— Neste ano, vou prestar o vestibular para Biologia — ele disse para Pedro, que abriu um sorriso grande. — Não sei quase nada sobre nenhuma outra matéria, mas, bem, vou estudar nesses meses e tentar. Vou me formar como professor e aprender a comunicar melhor tudo que a ciência conhece sobre esses e outros seres incríveis.

— Enquanto isso, você vai ser o tutor do nosso projeto de qualquer forma, espalhando o que você aprendeu sobre os botos e todo o resto nesse tempo todo, mesmo que fora da faculdade — Pedro disse com alegria na voz, tomando os últimos goles do suco de uva que tinha pedido no quiosque.

— E você, junto com o Tião, se ele aceitar, vai guiar todo mundo pelas águas, explicando como os barcos podem perturbar menos os botos — Reginaldo disse, rindo também, ainda no começo de seu suco de goiaba.

As aulas estavam fluindo e tudo estava indo bem demais, com eles criando planos cada vez mais ambiciosos sobre como cativar as pessoas para que se preocupassem mais com o impacto que causam aos botos. Era uma tarefa grandiosa, que exigiria tempo, paciência e muita conversa — mas eles estavam dispostos, o que já era meio caminho andado.

— Eu não queria ir assim do nada, sabe, pausando todo o nosso plano. Mas só preciso fazer isso, de verdade. Eu volto logo — Reginaldo disse para o irmão, como se ele estivesse ali cobrando ele de algo, olhando-o do centro do quarto.

Pedro começou a andar pelo quarto do irmão, e parou na frente do espelho dele. Lá, viu o adesivo da Coração de Boto, para o qual deu um sorrisinho antes de dizer:

— Concordo totalmente com você, maninho. Você tem que fazer isso, mesmo. Os outros botos-cinza também te entenderiam, eu sei.

Reginaldo suspirou, já ansioso pela grandeza do que faria. Ele nem estava no ônibus ainda: era cedo demais para estar ansioso! Precisava, urgentemente, se acalmar.

— Só acho que pode ser tarde demais, sabe... — Ele não conseguiu fingir que não estava nervoso. — São treze anos...

— Fala sério! — Pedro explodiu, com a guitarra do irmão sobre os ombros. Reginaldo não tinha visto o momento em que ele a pegou, pois teria o impedido. — Se aparecesse um cara bonito que nem a gente na minha porta, com uma guitarra, me pedindo em casamento, eu aceitava na hora!

— Eu não vou pedir ele em casamento. — Reginaldo disse, revirando os olhos, como se Pedro não soubesse disso.

— Ah, que fracote! — Pedro disse, tocando várias notas de uma vez só, sem ordem nenhuma. — Tinha que pedir! Ou você aposta tudo ou não aposta nada!

Reginaldo olhou para o irmão de um jeito acusatório, mas não teve uma resposta boa o suficiente para o que ele disse. Apenas ficou fazendo que não com a cabeça, confuso entre os próprios pensamentos.

Pedro ajudou o irmão com a mala, e depois o levou para a rodoviária em seu carro velho. No caminho, ele ficou observando cada passo de Reginaldo, incapaz de dizer como se sentia orgulhoso do irmão pelo que ele estava fazendo. Porém, Pedro tinha dúvidas se daria certo. Ele mesmo jamais faria algo do tipo: preferiria desintegrar a se expor tanto assim para outra pessoa, apesar de suas palavras de mais cedo alegarem o contrário. Mas ele entendeu melhor o irmão quando Reginaldo disse a ele, diante dos pastéis que fizeram para o jantar da noite anterior:

— Eu não quero saber se vai dar certo. Eu só quero poder dizer que tentei.

Reginaldo deu um sorrisinho que transitava entre nervosismo e choro enquanto disse isso. Pedro, por sua vez, deu um sorriso grande de orgulho do irmão, e fritou um pastel a mais para Reginaldo só porque o achava “daora demais”.

A hora da partida estava se aproximando, e eles estavam numa configuração clássica de cena dramática em uma rodoviária, na porta do ônibus que Reginaldo entraria. Então, Pedro abraçou forte o irmão, não conseguindo evitar perceber como Reginaldo estava cheio de bagagem ao redor de si e dentro da própria cabeça. No abraço, Pedro disse:

— Boa sorte, de verdade. Manda um abraço para o Erick. Será que ele ainda tem cabelo vermelho? Vai ficar vermelho de sangue, se ele ousar dizer não para você.

Reginaldo entrou no ônibus gargalhando quase tanto quanto tremendo.



Entre Cananeia e São Paulo, 15 de janeiro de 2023.

Erick,

Eu poderia escrever uma mensagem no Facebook (te encontrei lá), ou te dizer tudo isso, mas sei que você sabe por que prefiro colocar no papel. Primeiro que eu nunca fui bom em dizer as coisas, como você sabe bem. E, segundo, porque tem a história da caixa de músicas.

Vou narrar, caso você não lembre, como se fôssemos personagens de um livro:

— Tudo parece muito bobo alcançando alguém além deste caderno — eu disse para você, quando te deixei ler meu caderninho de composições e você tratou aquilo como se fosse a coisa mais incrível do mundo.

Depois disso, você olhou bem para mim e disse:

— Mas, se você quer fazer música, vai ter que suportar o horror de ser ouvido — e deu de ombros, como só você faz, e falou das coisas como se elas fossem hiper simples, do jeito que só você sabe falar. Com as sentenças curtas e cheias de certeza que te caracterizam.

Mas palavras nunca foram suficientes para você, então você decidiu fazer outra coisa. No terceiro dia de ensaio da banda — enquanto ainda estávamos completamente aprisionados à ideia de ser o Panic! At The Disco —, você apareceu com uma caixa de correio. Na garagem cheia de mofo do Júlio onde a gente ensaiava, você achou lugar para aquela caixinha amarela estranha. Então, você disse:

— Vamos colocar as letras de músicas aqui, por enquanto, nesse começo de banda — você falava de pé, como um imperador. — Todos podem dar ideias de versos. E vamos tratar as músicas como Músicas, antes de tentar debater elas com as pessoas que escreveram. É pra esse ser um espaço pra expressarmos o que sentimos, e...

— Isso não vai virar uma terapia de grupo — Júlio falou, com os braços cruzados. O Henrique estava com a cara toda franzida ao lado dele.

— Eu acho que todas as bandas meio que são uma terapia de grupo, na verdade — eu disse. E você sorriu o seu sorriso enorme. E os meninos apenas cederam.

Erick, eu me lembrei de você todos os dias desses treze anos, achando que isso seria suficiente. Mas estou aqui agora porque algo muito esquisito e maluco me aconteceu — o tipo de coisa que, se eu contasse, ninguém acreditaria. Ninguém, além de você. E porque, agora, eu acho que finalmente vejo as coisas do jeito que você precisava que eu visse quando me chamou para irmos embora de Cananeia em 2009.

Poucas coisas mudaram desde que você foi embora. Eu acho que uma parte de mim nunca acreditou que você foi de verdade — então, eu tentei viver tudo exatamente do mesmo jeito. Mas a primeira grande mudança foi quando eu e Pedro brigamos porque ele ia se mudar. Passamos dez anos sem nos falar, até que nós dois fomos transformados em botos-cinza.

Isso mesmo que você leu. Como você acredita em qualquer coisa, especialmente no poder das coisas de serem mágicas, não vou presumir que você acha isso algo muito absurdo. Nós nos transformamos em botos e vivemos, juntos, uma jornada incrível de aprendizado. Pedro entendeu como ele estava causando impacto na população de botos de Cananeia com a forma como levava os turistas para conhecê-los. Eu aprendi muitas coisas também, mas, principalmente, aprendi que eu não quero mais me arrepender de ter te dito não no passado. Quero tentar te dizer sim no presente. E quero, do fundo do meu coração, aprender de novo a acreditar em futuros.

Como te explicar o que aconteceu naquele dia em que você apareceu em casa? Você já viveu alguma coisa que parecia ser grande demais para você? Talvez não, porque desde que eu te conheci, você sempre foi alguém que preenche uma sala inteira. Mas eu acho que me sufoquei pela grandeza do que estávamos para fazer. Nós dois. A banda. Tudo que a gente sabia, mas não estava dito. Eu tive medo do futuro, ao mesmo tempo que era apegado a uma ideia de permanecer a vida toda em Cananeia, apenas porque era familiar, mesmo que não fosse mágico.

Por tudo isso, estou aqui para te pedir desculpas, porque eu te decepcionei. Eu sei que você acreditou que eu iria e deve ter me amaldiçoado por eu não ter ido. Eu sei que é repentino estar aqui falando com você agora, em carta e em pessoa. E eu também sei que faz muito tempo. Mas eu não podia deixar de vir, agora que me sinto finalmente pronto.

Então, Erick, vim pra São Paulo até você. E vou ser vocalista da banda, se ainda houver banda, e se você conseguir encantar os meninos para eles me perdoarem. Mas a sua capacidade de encantar é algo para se ter fé — então, vou acreditar que sim. Eu vim a acreditar em magia por causa de você, então, agora, acho que qualquer coisa é possível.

Estou aqui agora,

Regi.

PS. Sua irmã me deu seu endereço! Não sou um stalker!



Reginaldo, mais uma vez, tinha um plano.

Ele estava, agora, na porta do apartamento de Erick, com a guitarra nas costas e a carta na mão. Quando Erick abrisse, ele entregaria a carta e pediria para ele ler, antes de dizer qualquer coisa. Estava tudo arquitetado.

Reginaldo bateu na porta e Erick abriu.

Erick não tinha envelhecido sequer um segundo; mas o cabelo não era mais vermelho, ele usava uma camisa xadrez de mangas curtas e tinha uma tatuagem enorme de um fantasma de lençol no braço esquerdo. Atrás de Erick, o lar era inteiro vermelho e cheio de móveis de veludo, como ele sempre disse que seria.

No fim, os planos de Reginaldo foram por água abaixo, porque Erick agiu primeiro e o abraçou, sem dizer nenhuma palavra antes. Reginaldo achou que Erick estava chorando quando o ouviu dizer:

— Você chegou!



Fim.

Agradecimentos

Foi uma aventura escrever esse livro, que ganhou um espaço especial no meu coração, com todos os sonhos frustrados e arrependimentos do Reginaldo e o caminho que ele trilha para se perdoar. Entendo o que é ser como ele e estar estagnada em coisas que não deram certo, e espero que essa obra sirva de lembrete de como é possível que a gente saia desses lugares ruins, mesmo quando não há magia para nos salvar.

Agradeço às pessoas que me perguntam sobre Maria Toninha e se animam com algo tão caro para mim, reconhecendo meu trabalho como escritora. Esse reconhecimento é pura magia! Especialmente, agradeço às pessoas que leram Maria Toninha e me falaram sobre o que escrevi com alegria — Mãe, Bruna Sensei e colegas do karatê, Ana, colegas da faculdade e do Cursinho Popular Clarice Lispector... Vocês não fazem ideia do quão incrível é, do nada, receber uma mensagem sobre o que alguém sentiu lendo meu livro, ou ouvir isso ao vivo! Obrigada, mesmo.

Também agradeço aos leitores beta de *Coração de Boto* — Wesley, Nicolý e Marcella — pelo entusiasmo com o que eu escrevi, com os personagens, pelos áudios e discussões profundas e por terem topado serem minhas cobaias. As contribuições de vocês foram muito importantes para que eu conseguisse terminar o livro do melhor jeito para mim, mas também de uma forma que outras pessoas possam entender o que quero comunicar através dele.

Agradeço à Sabrina, também, que fico arrastando para as minhas bagunças. Sua arte com certeza trouxe brilho à essa obra, amiga. Obrigada por me ajudar a dar vida, cor e graça a este livro!

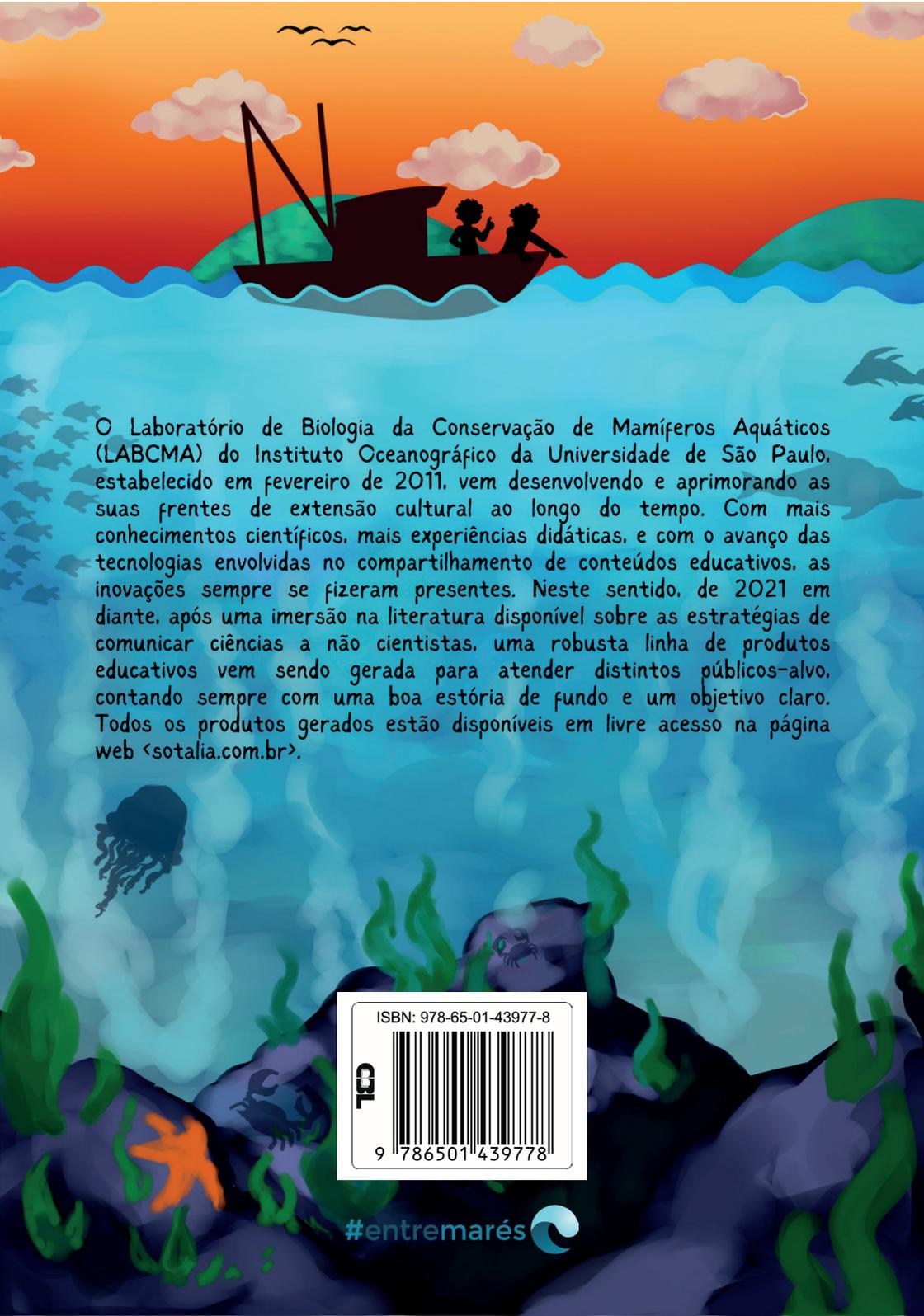
Também agradeço o apoio do professor Marcos à minha escrita, que é muito importante para me provar que praticar algo que é tão precioso para mim é possível. Agradeço também ao Leandro pela bela diagramação.

Minha família também tem lugar aqui, por seu apoio perene pelas coisas que faço. Pelas fotos de familiares distantes que recebi de quando aparecemos na TV Cultura. Pelos que gravaram a reportagem inteira e nos mandaram. Obrigada por estarem aqui.

E, claro, agradeço ao meu gato, Nilo, meu melhor amigo. A presença dele é sempre um presente, mesmo quando ele se deita no notebook e me impede de escrever. Ele, como a Natureza, tem os próprios motivos, e cabe a mim apenas aceitar suas escolhas.

Agradeço também a você por ter lido! Escrever livros é um sonho para mim, e o fato de eles serem lidos me motiva a continuar trabalhando com escrita.

Iris.



O Laboratório de Biologia da Conservação de Mamíferos Aquáticos (LABCMA) do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, estabelecido em fevereiro de 2011, vem desenvolvendo e aprimorando as suas frentes de extensão cultural ao longo do tempo. Com mais conhecimentos científicos, mais experiências didáticas, e com o avanço das tecnologias envolvidas no compartilhamento de conteúdos educativos, as inovações sempre se fizeram presentes. Neste sentido, de 2021 em diante, após uma imersão na literatura disponível sobre as estratégias de comunicar ciências a não cientistas, uma robusta linha de produtos educativos vem sendo gerada para atender distintos públicos-alvo, contando sempre com uma boa estória de fundo e um objetivo claro. Todos os produtos gerados estão disponíveis em livre acesso na página web <sotalia.com.br>.

ISBN: 978-65-01-43977-8



#entremarés 